Pe. ANTÔNIO MIRANDA S. D. N.

O SEGRÊDO DA MAÇONARIA

Editora "O LUTADOR"
Manhumirim (Minas)

O SEGRÊDO DA MAÇONARIA

PADRE ANTÔNIO MIRANDA, S. D. N.

O SEGRÊDO DA MAÇONARIA

Donde veio a Maçonaria?
Qual a sua finalidade?
Qual a sua organização?
Quais os seus planos diabólicos?

EDITORA "O LUTADOR"
1948

"IMPRIMATUR"

† *João,*

Bispo de Caratinga

ÍNDICE

Duas palavras 5
Introdução 9

I — O que é a Maçonaria 14
Visão de conjunto 14
Definição da Maçonaria 17

II — Donde veio a Maçonaria 25
Várias opiniões 25
O que parece mais provável 28

III — Escôrço histórico 32
Os Templários 32
Os Livres Pedreiros 34
O Iluminismo 40
Corolário 43

IV — Organização da Maçonaria 46
Organização aparente 47
Organização secreta 48
A direção da Maçonaria 51

V — A finalidade da Maçonaria 53
Guerra a tôda a autoridade 54
Conspiração contra a Democracia 56
A luta contra a Igreja 58
Um texto significativo 60

Satanismo e Maçonaria 61
Destruir a civilização cristã 63

VI — Os planos maçônicos 66
A República Universal 69
Roma, centro da Maçonaria 71
Subverter a moral 72

VII — O perigo maçônico 76
O perigo mundial contemporâneo 77
O perigo para o Brasil de hoje 79

Epílogo e Resumo 84
Resumo Geral 89
Que é na verdade a Maçonaria, e qual a sua origem? .. 90
Como está ela organizada? 93
Qual a finalidade da Maçonaria? 95
Quais os planos da Maçonaria? 98
Existirá ainda o perigo maçônico? 101

DUAS PALAVRAS

Esta brochura foi escrita há sete anos.

E' nada menos que o resultado duma conferência pronunciada pelo autor num círculo restrito de amigos, desejosos de debater assuntos curiosos e instrutivos.

A aflição de não parecer longo na palestra fêz com que êle não desse bastante desenvolvimento às várias partes, que bem se prestavam a isto. O trabalho encerra, entretanto, de modo feliz, um conspecto geral sôbre a Maçonaria.

E' uma obra valiosa de esclarecimento para todos. Para católicos e para maçons.

Há nela pontos de vista históricos — sôbre as origens da Maçonaria — que podem ser contraditos. Mas isto não diminue o mérito real do escrito, que está em desmascarar, com citações respeitáveis, a seita tenebrosa.

O autor é levado a publicar o que há tantos anos jazia entre seus papéis mortos pela

seguinte carta de um protestante, sequioso da verdade:

"Reverendo senhor Padre:

Antes de tudo, vou dizendo que pertenço à seita dos Evangelistas, para a qual passei depois de três anos que era maçon. Não fui, entretanto, arrastado a isto pela Maçonaria, mas por convicções pessoais, e devo adiantar-lhe aliás que eu nunca fôra católico prático...

O que me leva a dirigir-lhe esta é o seguinte. Desde que me fiz Evangelista, começaram a surgir-me sérias dúvidas a respeito da Maçonaria. E estas dúvidas mais se me aguçam no espírito quando vejo que são contrárias as opiniões dos nossos Ministros a propósito da dita seita. Dizem-na uns figadal inimiga do nome cristão; outros subscrevem-se com o tríplice pinguinho, honrando-se dos títulos de Veneráveis que possuem, aliás em lojas conceituadas dêste Estado. O nosso Pastor (que é dos reacionários à Maçonaria) deu-me uma brochura de Carlos Pereira, na qual êste notável gramático e culto Ministro impugna as sociedades secretas como nìtidamente contrárias ao Cristianismo. Doutro lado, acabo de ver agora a pro-

paganda de uma contra-resposta ao referido libelo, por outro Pastor, pertencente êste à Academia Paulista de Letras.

Não sei e não posso dar razão a nenhum dos Ministros de minha própria crença. Socorro-me, pois, de argumentos alheios. Lembra-me ter visto outrora em "O Lutador", órgão em que V. Rcia. ùltimamente colabora, artigos sôbre a Maçonaria. A título de esclarecimento, poderia o senhor Padre republicar algo que exponha, à luz de documentos, a finalidade e modo de ser da seita secreta?

Perdoi-me V. Rcia.: move-me, talvez, antes de tudo, a fria curiosidade. Mas na minha justiça de consciência, que sempre busco ter, darei a razão a quem a merecer.

Sou, não obstante diversidade de credo,

admirador sincero,

J. F.

Piratininga (S. Paulo), 2-fev.-47"

Para satisfazer ao bom consulente, e a muitos talvez movidos da mesma "fria curio-

sidade", aí vão estas velhas páginas, sem pretensão e sem ódio.

Um testemunho frio e imparcial em face da História...

Manhumirim, festa de Corpus Christi, 1947

O AUTOR

INTRODUÇÃO

Ilustre publicista holandês, que foi Jac Van Term, externou, ao início de prestimoso trabalho sôbre a Maçonaria, uma queixa, que ainda hoje, quase 20 anos após, tem sua razão de ser, e bem merece repetida. E' lamentável — dizia êle — é lamentável a ignorância, mesmo das pessoas cultas, a respeito da Maçonaria. Não há agremiação mais desconhecida em sua organização, planos e finalidades; e talvez outra não exista cuja influência tenha sido maior, depois da Igreja Católica, em tôda a vida política, social e religiosa da humanidade.

Jac Van Term escrevia isto justamente num dos períodos mais tristes da história, quando a Europa colhia o fruto que da sementeira maçônica germinara em todos os recantos das novas Repúblicas, por entre escombros de monarquias e de tronos. Período bem semelhante a êste em que vivemos. Era depois, pouquinho depois da grande

guerra, e quando ainda ninguém podia ater-se à idéia de que a imensa catástrofe tinha suas causas mais próximas em fôrças secretas, precìpuamente na Maçonaria.

Hoje, cinco lustros passados, poderíamos repetir, sem nenhuma atenuante, o que êle afirmava então.

Já se fêz mais luz sôbre a seita tenebrosa, é verdade. Já muitos dos seus planos foram descortinados. Já muitos dos seus adeptos, iludidos anteriormente, abandonaram-na, descobrindo-lhe as intenções e finalidades. Mas ainda bastante ignorada continua a ser a Maçonaria. Principalmente entre nós brasileiros, onde não apareceram senão raros livros sôbre o assunto.

E, entretanto, nenhuma fôrça que mais influa em todo o mundo, rivalizando com a Igreja Católica. Nenhuma fôrça que mais influa em nossa própria mentalidade de católicos.

Se se afirmasse que a presente guerra é obra da Maçonaria, a afirmação correria risco de ganhar foros de loucura. Se se dissesse que nossa maioria católica é amorfa, está ao sabor da Maçonaria; que temos mentalidade pagã e maçônica; que estamos voltando, no Brasil, à mentalidade que eclodiu ao eclipsar-se do nosso império; se tais coisas disses-

semos, não faltaria quem nos impingisse, ao menos, a pecha de pessimistas e paranóicos.

Entretanto, os não longínquos do futuro vão demonstrá-lo. Jac Van Term, quando afirmou o mesmo, não lhe deram ouças.

***

A Maçonaria é bastante desconhecida como sociedade secreta e perigosa; e não o é menos como fôrça ativadora de tôdas as revoluções e guerras.

Quem sabe, na realidade, em que consiste hoje a Maçonaria? Quem conhece as suas organizações secretas? Os seus planos? Os seus verdadeiros adeptos?

E aí está a causa por que muitos não podem crer nas acusações assacadas contra esta seita cercada de mistérios. Aí a causa por que muitos acham ter sido mera campanha política dos partidos totalitários a luz jorrada sôbre acontecimentos e pessoas, mormente em nossa Pátria, com a publicação de alguns livros sôbre o assunto, anos atrás.

Os poucos mesmo que já leram algo a respeito da Maçonaria sentem dificuldade em ajuizar a respeito dela, porquanto — a verdade seja dita — se muito foi ela atacada, até com recurso a documentos incontestá-

veis, pouco foi escrito sôbre sua origem, razão de ser e constituição formal.

Sôbre tudo isto quiséramos projetar uma réstea de luz. Luz que esclareça. Luz que ilumine. Luz benéfica.

Nossa intenção não é impugnar. E' esclarecer. Não nos movem interêsses políticos da direita ou da esquerda. Queremos que os católicos conheçam o que é a Maçonaria, para se precaverem contra um perigo que jamais nos deixa de ameaçar. O perigo maçônico ainda existe e existirá sempre no Brasil.

Vamos dissertar sôbre o seguinte:

I - O QUE E', NA VERDADE, A MAÇONARIA;
II - DONDE VEIO A MAÇONARIA;
III - ESCÔRÇO HISTÓRICO DA MAÇONARIA;
IV - COMO ESTA' ORGANIZADA A MAÇONARIA;
V - QUAL A SUA FINALIDADE;
VI - QUAIS OS SEUS PLANOS;

E por fim, à guisa de corolário, **algo sôbre a Maçonaria no Brasil e sôbre o perigo maçônico na hora presente.**

Um grito de alarme nestes momentos

em que se cogita o esmagamento de tantas formas políticas nocivas à humanidade, mas em que se esquece a fôrça geratriz delas tôdas — um grito de alarme, ou, ao menos, um aceno de aviso — eis o que folgariam de ser êstes humildes bosquejos sôbre a Maçonaria.

P.e Antônio Miranda, S. D. N.

CAPÍTULO I

O QUE E' A MAÇONARIA

O nosso primeiro esfôrço será por fazer compreender de início o que é formalmente a Maçonaria.

A Maçonaria como o povo a concebe e como os documentos a demonstram não difere muito. E' que as intuições dos simples são às vêzes de longo alcance ainda que alicerçadas sôbre aparências e meras desconfianças.

Lancemos um olhar de conjunto sôbre a misteriosa seita, e busquemos fazer dela uma definição completa e real.

VISÃO DE CONJUNTO

O nome de Maçonaria evoca, para o povo, mistério, silêncio, segrêdo, assassínios, envenenamentos, tragédias ocultas, terrorismos, o diabo enfim.

A Maçonaria, tal qual se apresenta à

primeira vista, é tenebrosa. E' uma sociedade de homens, nem sempre os mais nìtidamente honestos, embora os mais conspícuos, que se reúnem, muitas vêzes, a altas horas da noite, em um prédio cuja porta encimada por um triângulo e por um compasso é fechada a profanos e sôbre a qual pairam sombras sinistras.

Dizem que no recinto em que se congregam existe a trágica figura dum bode preto, ante o qual se prostram e proferem blasfêmias. Dizem que, à meia voz, janelas cerradas, portas vigiadas, ali se pronunciam discursos horripilantes. Dizem que ali se combinam políticos odientos, para garantirem seu domínio sôbre os outros, seja pelo ferro, seja pelo fogo. Dizem que ali se concertam assassínios e envenenamentos.

Tudo isto, porém, fica no escuro da loja e na tenebrosidade das salas. O que aparece é o caráter altruísta e beneficente da associação. Vez ou outra, há um sarau, a que são convidados também profanos. Há sessão solene, em que se ouvem oradores patriotas. Lêem-se relatórios de beneficência. Encomia-se o número de pobres socorridos. Adiantam-se projetos a bem da sociedade e do município em que isto se passa. E os presentes, mesmo os que desconfiavam, batem palmas. E bate palmas a maioria dos mes-

mos maçons, que não passam de cegos títeres puxados por mãos invisíveis. E no eco das palmas, some-se o sorriso mordaz dos que ocultam, nesta zombaria à credulidade social, a perversidade dos seus intentos. E' a Maçonaria por fora... Muito diferente do que é por dentro.

Quereis saber o que é a Maçonaria em sua realidade? Quereis ter uma vista de conjunto sôbre a sua finalidade, a sua organização e os seus planos?

Pois escutai a história, e nos acontecimentos achareis a realização dos seus segredos.

A Maçonaria é causadora dos mais aterradores eventos da história. A Revolução francesa, a grande guerra, os regimes de terror em todos os países e épocas, a guerra última da Espanha, as anteriores na Rússia, Hungria e México foram produtos de sua forja diabólica, direta ou indiretamente, por efeitos de ação ou de reação, por movimentos políticos ou religiosos, econômicos ou industriais, de caráter civil ou militar.

E' o que está comprovado à luz dos documentos em inúmeros livros que viremos citando ao correr dêste ensaio. Assim na Europa. Assim nas Américas. Assim, de modo especial, no Brasil.

Estão, desde anos, relegados ao cesto

dos papéis velhos os velhos estatutos maçônicos, que querem fazer passar a seita por associação de beneficência. A tapeação não tem cabimento.

A Maçonaria não é associação de beneficência, muito embora procure iludir os homens com êste reclame aparatoso de altruísmo. Como pode ser de beneficência o que tantos horrores tem produzido entre os homens? Já o povo mesmo lhe fêz justiça cognominando-a "religião do Bode Preto".

DEFINIÇÃO DA MAÇONARIA

Como se pode definir a Maçonaria? Ela pode ser definida: ASSOCIAÇÃO DE MUITAS SEITAS SECRETAS, INSPIRADA PELO PRÓPRIO DEMÔNIO, GOVERNADA POR POUCOS JUDEUS, E QUE DIZ TER POR FIM A CARIDADE E ALTRUISMO UNIVERSAL, MAS QUE TEM POR FIM VERDADEIRO, BEM QUE IGNORADO DA MAIORIA DOS PRÓPRIOS MEMBROS, FUNDAR UMA NOVA ORDEM E CIVILIZAÇÃO ANTICRISTÃ.

Esta definição, parece-me, reúne, quanto possível, todos os elementos constitutivos da Maçonaria:

Elemento material: muitas seitas secretas.

Elemento ou causa eficiente: o Demônio.

Elemento formal: associação destas seitas sob govêrno secreto de poucos.

Causa final: fundar o neopaganismo ou civilização anticristã.

Esta definição, vamos examiná-la, elemento por elemento, trazendo aqui exígua documentação que se completará no correr do presente ensaio. Atentemos bem para o sentido de cada têrmo.

1.°) — A Maçonaria é **uma associação de muitas seitas.** Ponto em que muito nos enganamos. A Maçonaria não é uma simples seita, nem uma simples loja. Ela é uma associação de muitas associações perversas. Define-a Léon de Poncins, um dos mais conceituados escritores sôbre fôrças secretas: "SUPERPOSIÇÃO DE SEITAS" (As fôrças secretas da Revolução, p. 22).

A essência da Maçonaria está, pois, no contrôle de inúmeras seitas secretas, de inúmeras associações, governadas, aparentemente, por homens até bem intencionados, mas invisìvelmente escravizados, ao menos por influência indireta, a um punhado de homens ardilosos, que manobram tôda a política e economia mundial.

A respeito da existência de fôrças secretas que governam êste mundo, não pode existir a menor dúvida. Muito embora certos espíritos convencidos queiram ter por exagêro e quase superstição o que homens de cultura excepcional afirmaram, estão sempre de pé os documentos do passado e os fatos do presente.

Henry Misley, espírito esclarecido, e quiçá familiarizado em tôdas as seitas e ambientes políticos da Europa, nas suas "CARTAS", deixou escrita uma frase que era uma profecia e que agora é uma realização, e que quanto contém de espírito tanto encerra de verdade: "Conheço um pouco êste mundo — diz êle — e sei que em todo êste grande futuro que se está preparando sòmente quatro ou cinco indivíduos dão cartas. Os outros pensam que dão, e se enganam..."

Existe, realmente, um punhado de homens, que governam o mundo, por organização secreta. E esta organização é a Maçonaria, que não é uma simples corporação, uma só seita, mas uma corporação de muitas corporações ou seitas secretas.

E quais são estas outras corporações que integram a Maçonaria? — Umas existem ainda como formas organizadas independentes; outras não mais existem senão quanto aos ideais e planos, absorvidas que foram

pela Maçonaria pròpriamente dita. Entre umas e outras, podemos citar: A Cabala judaica, o Teosofismo, o Carbonarismo, o Iluminismo da Baviera com suas várias formas e subdivisões, o Alquimismo, o Gnosticismo, o Iluminismo da França, os Deístas protestantes, muitas associações judaicas, e, enfim, as lojas denominadas maçônicas existentes nos vários países como associações separadas e com estatutos próprios, mas sob orientação de um grupo supremo.

Tôdas estas seitas são perversas, contaminadas de espírito anticristão, herético, diabólico. Muitas praticam o luciferanismo, ou adoração do demônio, e o chamado **culto fálico**, ou culto da imoralidade. Assim sendo, é a Maçonaria o encontro de todos os esgotos da perversidade e antireligião, "a súmula de tôdas as heresias", como a definiu ilustre sacerdote brasileiro (1), "a sinagoga de Satanaz", como a denominou Pio IX.

2.º) — A causa eficiente da Maçonaria é o demônio. Ela é obra realmente diabólica.

E êste não é um modo de falar. E' um fato. Por mais aterrador que pareça.

Houve quem quisesse supor boato propalado pela própria Maçonaria a origem e

(1) P. Teófilo Dutra, em *"As Seitas Secretas"*.

inspiração diabólica da seita, para, assim, tornar-se mais temeroso o seu poder. Entre outros patrocinadores desta sentença avulta o autor de "A Europa trágica", obra ainda não divulgada em vernáculo".

Seja como fôr, lenda maçônica ou lenda cristã, realidade histórica ou mera suposição, uma cousa é certa: há documentos que provam existir nas lojas supremas o culto infame do Demônio. Citaremos, em lugar oportuno, alguns que o amor à brevidade nos permitir.

3.°) — A Maçonaria é um govêrno universal em mãos de poucos. Esta proposição, que não se pode provar em tôda a sua extensão, porquanto êste govêrno se exerce de modo indireto e secretíssimo, esta proposição é a única explicativa da existência multissecular da Maçonaria e de sua influência inegável na política de todo o mundo.

E quais são êstes poucos que dirigem o mundo pela Maçonaria? Todos os ilustrados sociólogos, políticos e historiadores, que estudaram e estudam as fôrças secretas, indigitam os JUDEUS.

Gougenot des Mousseaux não hesita em afirmar: "A Maçonaria é uma grande associação, cujos raros iniciados, isto é, os verdadeiros chefes, que se não devem confundir

com os chefes nominais, vivem em estreita e íntima aliança com os membros militantes do judaísmo, príncipes e imitadores da alta cabala". ("Le juif, le judaisme et la judaisation des peuples chrétiens").

VON WEDELL observa, por seu turno: "No mundo maçônico se verifica com pavor a influência que tomaram os judeus" ("Vorurtheil oder berechtiger Hass").

E' notável, também, a preponderância dos judeus em todos os movimentos revolucionários, como notável sempre a preponderância dos maçons nas campanhas políticas. E congraçam-se com facilidade êstes e aquêles tôda vez que os interêsses de uns e de outros entram em jôgo. Há lojas maçônicas judaicas, como há lojas maçônicas cristãs. A propósito da Inglaterra, avisava a **Historiche Politische Blatter** de Munich, em 1882: "Em Londres, existem duas lojas judaicas, nas quais nunca penetrou um cristão, aonde vão ter todos os fios de todos os elementos revolucionários que atuam nas lojas cristãs".

Destas citações se infere a ascendência do Judaísmo sôbre a Maçonaria. Ascendência do primeiro que não importa, contudo, na absorção da segunda. Judaísmo é distinto de Maçonaria. Sòmente, as grandes lojas maçônicas, entre as quais a de Charleston

— **Conselho supremo,** dirigida, ainda até pouco ao menos, por Albert Pike, — estão associadas ao Judaísmo e governadas ao sabor dos judeus.

4.°) — A causa final da Maçonaria é o neo-paganismo no mundo.

Levando às últimas consequências o seu ideal às vêzes incerto e até diferente em cada loja, a Maçonaria conduz o mundo ao neo-paganismo.

Não deveria dizer "conduz" mas "conduziu". A crise do momento é a crise da vida cristã absorvida pela vida pagã na família, na sociedade, e até no próprio indivíduo, que, nas suas concepções, também se paganiza. (1)

Afirmá-lo já é quase lugar comum. Prová-lo seria querer transpor as raias da evidência. Forcejamos tão só por mostrar que realmente a Maçonaria intendeu sempre uma nova civilização, um novo mundo construido sôbre as ruínas da cristã civilização de todos os séculos.

*
**

E' o que se verá nas entrelinhas dos documentos maçônicos que vamos citar no cor-

(1) "Sujeição de ideologia cristã a uma prática anticristã — eis uma das mais profundas raízes dos males presentes". (Jacques Maritain)

rer dêste esbôço, mormente ao tratarmos das finalidades da seita.

Por enquanto nos detemos a estas observações, que são simples vista de conjunto, a pormenorizar-se nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO II

DONDE VEIO A MAÇONARIA

Dissertar sôbre as origens da Maçonaria é, de certo, cousa fácil a quem se proponha fazer um simples bosquejo. Basta recolher as várias, obscuras e quase opostas opiniões dos mesmos maçons, ciosos de estender trevas sôbre um assunto de si já muito obscuro.

Dificílima, porém, a tarefa de quem não só quer expor, mas aclarar pontos dúbios. As obscuridades multiplicam-se com as tentativas de esclarecimento.

Por isto, não farei, estritamente, nem uma cousa, nem outra. Nem a pura exposição, nem o total esclarecimento. A modéstia do meio termo é o que forcejarei por atingir.

VÁRIAS OPINIÕES

Inúmeras opiniões sôbre a procedência da Maçonaria.

Há os que a supõem sociedade benefi-

cente nascida em 1717 com a iniciativa de James Anderson, e há os que, no paroxismo do orgulho de longevas prosápias, a remontam ao paraíso terreal, ou, ao menos, ao tempo de Caim. (!)

A sanha de alguns mais ousados não parou diante dum parecer blasfemo: quis provar que o fundador da Maçonaria é Jesús Cristo.

Outros mais comedidos na pretensão, porém não menos ousados na blasfêmia, disseram-na fundação de S. João Batista.

Tôdas estas opiniões, claro está, à exceção da primeira, não passam de aberrações.

Outras existem mais objetivas e fundadas. Entre elas, podemos respigar, sem nomes de obras, e de autores, e sem explanações para não sermos longos:

1.ª) — A Maçonaria — dizem os primeiros — tira sua origem dos gnósticos.

2.ª) — A Maçonaria não é senão o Maniqueísmo desenvolvido — afirmam os segundos.

3.ª) — A Maçonaria é o carbonarismo assassino da Idade Média, apenas com outro nome.

4.ª) — A Maçonaria teve por início o Alquimismo, que de ciência se tornou superstição, e de superstição fôrça secreta.

5.ª) — A Maçonaria tira suas mais pro-

fundas raízes na Ordem dos Templários, que, supressa pelo Papa Clemente V e pelo Rei Filipe o Belo, jurou eterno ódio à Igreja e à Monarquia.

6.ª) — A Maçonaria origina-se da Cabala judaica, organizada nos primeiros séculos para estabelecer o domínio universal dos judeus, valendo-se, por influência econômica e política, em cada país, dos próprios nacionais.

7.ª) — A Maçonaria nasceu da perversão dos **Livres Pedreiros** da Idade Média, pois tem o mesmo nome da sociedade em que se uniam, e conserva, em sua organização, os mesmos graus iniciais: **Aprendiz, Companheiro e Mestre.**

8.ª) — A Maçonaria, ao menos perversa como existe hoje, foi fundada antes da Revolução Francesa pelos Enciclopedistas.

9.ª) — A Maçonaria foi fundada, como associação hostil à Igreja, por Weishaupt, na Baviera, em 1776.

10.ª) — A Maçonaria é produto do Teosofismo, que tomou uma face política e sanguinária a-par-de suas finalidades culturais, e religiosas.

Podemos reduzir a êste sucinto ramilhete de opiniões o que, diferentemente, se há aventurado sôbre as origens da seita, muito embora outros pareceres existam ain-

da; e assim procedemos porque o mais que se afirmou parece-nos destituido, por completo, de fundamento.

Notemos ainda, à guisa de conclusão, que quantos opinam assim diversamente, também diversamente a seu talante historiam e explicam a organização e desenvolvimento da sociedade secreta desde seus primórdios até nossos dias.

Destas afirmações, enquanto umas não resistem a minucioso exame, outras, se têm a favor argumentos prováveis, têm contra a insuficiência de suas explanações históricas, de modo que tôdas empalidecem à luz da crítica.

O QUE PARECE MAIS PROVÁVEL

O que se nos afigura mais certo em tão escabroso assunto é a opinião dos que pensam que a Maçonaria, tal qual sobreexiste, não apareceu, em sua organização completa e bem determinada finalidade, nesta ou naquela época, procedente desta ou daquela preexistente seita, fundada por êste ou aquêle homem. Ela é um produto das idades e uma súmula das heresias. Influiram no seu aparecimento quase tôdas as seitas que as opiniões citadas enumeram como suas genitrizes.

Associação que é de seitas e não uma simples seita, ela se constituiu, a pouco e pouco, pela criação sucessiva das associações que a integram.

O nome que a designa e a organização secreta que ela mantém recordam uma sociedade fundada na Idade Média — a **Franco-Maçonaria,** ou **Associação dos Livres Pedreiros.** Nesta associação, a princípio bem intencionada, foram penetrando homens e doutrinas que a desviaram da primitiva finalidade.

Quais hajam sido êstes virus que a contaminaram, é difícil especificá-los um por um.

Opinião plausível, aliás contradita, como tôda opinião nesta matéria, é que, além doutras, sofreu a agremiação as influências das idéias políticas, originárias de quase um século atrás na supressa Ordem dos Templários.

Os cavaleiros desta Ordem, que fôra dirimida por decreto régio e papal em 1310 em consequência de sua perversão e ambições de conquista, uniram-se em sociedades particulares, que lhes perpetuaram os cerebrinos planos.

Estas sociedades acharam, um século avante, em 1400, na CORPORAÇÃO DOS LIVRES PEDREIROS, que então era a de

maior tomo na época, o melhor campo para lançar as sementes da dissolução e revolta. E a semente aí germinou.

Entretanto, outros elementos, culturais e religiosos, influiram na transformação dos Pedreiros Livres da Idade Média. O estudo das doutrinas cabalistas, do ocultismo, do maniqueísmo e de tôdas as heresias em voga formou-lhe um corpo de teologia abstrusa que veio modificar por completo a sua mentalidade.

Mais tarde, a obra de desvirtuamento foi acabada pelos judeus, que entraram a granel na Maçonaria e a dividiram em inúmeras associações para facilitar o proselitismo e a conquista do mundo. Cumpre notar de passagem que os judeus, já precedentemente, desde séculos talvez, viviam também em organização própria, de finalidades não mui diversas das que os Templários fomentaram na Associação dos **Livres Pedreiros.**

O aparecimento do Iluminismo de Weishaupt, em 1776, que também se juntou às precedentes organizações, bem como a fundação de Lojas exclusivamente judaicas, elevou a Maçonaria ao apogeu da maldade.

A Revolução, enfim, marcou, em 1789, o maior dos seus triunfos e o princípio de sua ampla difusão pelo mundo com a idéia republicana que triunfava.

Firmado êste parecer, fácil será construir um histórico da Maçonaria, que explique o motivo de quanto exporemos, mais de espaço, a respeito das suas finalidades e organização.

Sujeito embora às contradições da crítica, não hesito em fazer êste esfôrço de historiador, convencido de que êle pode ser uma contribuição à verdade e a justiça.

CAPÍTULO III

ESCÔRÇO HISTÓRICO

Quereis saber o que é a Maçonaria em sua realidade e essência?

Quereis ter uma vista de conjunto sôbre a sua finalidade, a sua organização e os seus planos? Pois vinde comigo aos longínquos da história, e juntos encontraremos, na mais plausível de suas origens, todo o mistério dos seus segredos.

OS TEMPLÁRIOS

Pela volta de 1300, era extinguida pelo Papa Clemente V, a rogos de Felipe, o Belo, a grande **Ordem dos Templários,** que tanta estima e riqueza lograra no Oriente e no Ocidente. E' que, de instituto dos mais beneméritos ao mundo cristão no correr de século e meio, por último tinha-se esta Ordem de tal modo corrompido e chegado a práticas tão hediondas, que se tornaram do domínio pú-

blico os seus crimes e perversas intenções. Guiados, não se sabia por que espírito, perfilhando doutrinas não se sabia bebidas em que livros, os seus membros cogitavam de um espólio universal, de que seriam os únicos dominadores, já na ordem espiritual, já na ordem temporal. E a tal ponto chegou a sua perversidade, que o demônio lhes aparecia visìvelmente sob a forma de um gato, (1) e êles caíram na mais deplorável idolatria, adorando-o como o Senhor que lhes daria a desejada conquista.

Apenas destruída a sua corporação, cavaleiros ilustres e nobres que eram, buscaram outras de ilustres e nobres como êles, em que pudessem incutir suas idéias, após terem jurado — última provocação do decreto pontifício e real — ódio eterno e guerra ao Papado e à Monarquia.

As corporações, para tôdas as classes e de todos os gêneros, pululavam então; de finalidades ostensivas umas, inteiramente secretas outras; qual de idéias religiosas, qual de vistas meramente culturais; estas visan-

---

(1) *Pe. Teófilo Dutra* — "As seitas Secretas", pág. 63, nos. 6 e 8: "Os Templários adoravam um gato que lhes aparecia quando estavam reunidos. Tinham outros ídolos, entre os quais uma cabeça com três faces". "Os Templários miravam uma só república universal".

do propagação de doutrinas, aquelas urdindo tramas políticas.

E' para se prever que os Templários se imiscuíram em muitas delas buscando um meio que lhes fosse mais propício à insinuação de suas idéias.

Decorreram anos. O levêdo de revolta contra a autoridade e a Igreja foi fermentando dia a dia.

OS LIVRES PEDREIROS

Pelo mesmo tempo, já existia a Associação dos Livres Pedreiros que também vivia, mais anos menos anos, a padecer a influência deletéria das más doutrinas correntes. Os princípios maniqueus, as práticas cabalísticas e ocultistas, os mistérios trazidos do longínquo Egito e das terras de Elêusis, a congérie de tôdas as filosofias exóticas, o acúmulo de tôdas as superstições e esquisitices, viriam a ser estudadas e patrocinadas pelos irmãos livres, que de Pedreiros se tornaram Filósofos.

Deixemos que ilustre autor brasileiro, a quem não falecem méritos de literato e historiador, nos fale do desenvolvimento e perversão desta sociedade que foi como o leito

nupcial da heresia e do crime, o berço florido da Maçonaria hodierna. (2)

"Na idade média os operários formavam associações distintas: havia corporações de ouríveis, de ferreiros, de carpinteiros, de marcineiros, de pedreiros etc., tendo cada uma sua organização, seu govêrno e seus privilégios. Entre elas sobressaía a dos pedreiros, que, à conta de seus apreciados serviços em edifícios públicos, especialmente em igrejas, gozava de certas prerrogativas, de exempções e franquias, **franchises**, donde originou o título de **franc-maçons**, ou **pedreiros livres.**

Com efeito, a julgar pelas gigantescas construções de igrejas, palácios, tôrres e outros edifícios, os arquitetos e os pedreiros deviam andar muito em voga; há trabalhos daqueles tempos que vestem de espanto os artistas hodiernos.

Os pedreiros eram então nômades, trabalhando onde encontravam serviço. Reuniram-se para a construção da catedral de Strasburgo, cuja planta, apresentada por Erwin de Stainbrach, fôra aprovada pelo bispo Conrado de Leutenberg. Para essa obra acudiram operários de todos os pontos da Alemanha e dos países eslavos. Diz um

(2) *P. Teófilo Dutra* — op. cit.

escritor que era de ver o espetáculo de uma multidão trabalhando com afã numa obra que consideravam sagrada, e para a qual eram prometidas muitas indulgências. A tôrre foi concluída em 1439.

Êsse trabalho prodigioso valeu grande reputação aos pedreiros de Strasburgo, cuja fama correu mundo.

Em 27 de junho de 1481, o duque de Milão escreveu aos chefes da referida cidade pedindo-lhes mandassem pedreiros capazes de construir a catedral que êle queria erigir em sua capital. Também Viena, Colônia e Friburgo fizeram construir tôrres pelos mesmos oficiais.

Os pedreiros de Strasburgo, peritos na arte, querendo distinguir-se de seus colegas, formaram associações com o nome de "hütten" — lojas. Tôdas as lojas reconheciam a superioridade da de Strasburgo, que era como sua metrópole.

Josse Dotzinger, de Worms, que em 1449 sucedeu a Jean Hultz, como pedreiro arquiteto da catedral de Strasburgo, formou em 1452 uma só corporação de todos os pedreiros mestres da Alemanha, dando-lhes e sinais particulares para se reconhecerem entre si. E em 25 de abril de 1459 reuniu-os em Ratisbona, para confeccionar os estatutos da associação. Em 1498 Conrado Wagt,

um dos chefes da associação, obteve do imperador Maximiliano I a aprovação dos estatutos. Também Carlos V e seus sucessores aprovaram os mesmos estatutos.

Os magistrados de Strasburgo concederam à loja desta cidade privilégio de julgar e decidir todos os litígios relativos a construções. Êste privilégio extraordinário deu aso a vários abusos, e por isso foi logo suprimido. Mais de espaço deixou a loja de Strasburgo de ser a metrópole de tôdas as lojas.

A sociedade dos pedreiros livres era composta de mestres, companheiros e aprendizes. Para alguém fazer parte dela, como para passar de um para outro grau, era preciso que fosse apresentado por um mestre que lhe atestasse capacidade e bons costumes. Para passar de companheiro a mestre, devia o sócio ter prestado, ao menos, cinco anos de serviço como companheiro.

Ao entrar para a confraria o pedreiro jurava não divulgar as fórmulas ou os sinais da associação, nem os estatutos e os segredos de sua profissão. Todo o membro era obrigado a observar os estatutos, os preceitos da religião, e ter bons costumes, sob pena de expulsão da sociedade. Ao ser admitido tinha que entrar com certa contribuição para a caixa da loja.

Os pedreiros, que pela sua profissão deviam viajar fazendo construções onde lavravam heresias, deixaram contagiar-se do mal, no século XVI, adotando idéias errôneas, seguindo princípios falsos. Os pedreiros tornaram-se teólogos, e formaram uma teodicéia estranha, reconhecendo em Deus o grande arquiteto do universo. Tomaram para seus símbolos os instrumentos do ofício, régua, compasso, esquadro, etc..

Com a introdução na sociedade de homens mal intencionados, alheios ao ofício, êstes instrumentos tomaram significados estranhos, misteriosos, ocultos aos próprios oficiais.

Um dos principais oráculos das lojas alemãs, Findel, escreveu isto: "A transformação dos maçons construtores em maçons sectários operou-se sem desordem e sem ruído; como uma fênix renascendo de suas cinzas, a nova instituição adquiriu vida no dia de S. João Batista em 1717" (Principes de la franc-maçonnerie, pag. 89).

Os hereriarcas invadiram as lojas dos pedreiros livres e acharam que o terreno lhes era de feição; por isso lançaram nêle as sementes de seus erros, gnosticismo, socinianismo, iluminismo, etc., sementes que germinaram, cresceram, bracejaram e deram frutos de perdição em tôdas as partes do

mundo. Ou, melhor, satã vendo prosperar aquela sociedade de operários inocentes, amalgamou nela tôdas as heresias que havia feito brotar na terra, e transformou-a na seita tenebrosa, a quinta essência das heresias como já ficou dito.

Já se vão adelgaçando as trevas que envolviam a seita secreta, e nós podemos responder aos que atestam como audaz afirmação que ela é uma **sociedade beneficente.** Sim, no fim do século XV, nasceu sociedade beneficente, e como tal mereceu a aprovação dos monarcas; nos séculos seguintes perverteu-se, tornando-se sociedade perigosa, e por isso foi condenada pelos reis e pelos Papas.

Até na sua origem, a seita secreta se parece com Lúcifer: êste foi criado anjo de luz, e tornou-se o anjo das trevas; seu destino era gozar no céu e está penando no inferno; sua missão na terra era fazer bem aos homens, e só mal é que êle nos faz".

Pois bem, a esta associação, agora a mais universal e de renome na época, amante do segrêdo e do ocultismo, os Templários se filiaram para depor a contribuição dos seus planos aos planos dela que talvez nem eram muito diferentes.

A êste grêmio assaz crescido tanto em número de adeptos quanto em maldade de

idéias, juxtapuseram-se mais outras doutrinas e associações secretas particulares, cujos fins mais ou menos se aparentavam.

E foi dêste acêrvo de heresias e cobiças, argamassado quiçá por mãos judaicas, que nasceu a MAÇONARIA, política, sanguinária, perversa e antireligiosa, mascarada com o rótulo de sociedade beneficente pelas Constituições que James Anderson lhe redigiu em 1717.

O ILUMINISMO

Poucos anos depois, em 1776 fundava-se na Baviera uma sociedade secreta para universitários, a qual, incorporada à Maçonaria em 1780, conduziria esta a requintes de perversidade e hipocrisia demoníaca. Referimo-nos aos Iluminados. Haja dêles uma referência neste bosquejo histórico, pela muita importância e influência de que gozaram e continuam a gozar, desde então, sôbre a Maçonaria de todos os tempos. Os Iluminados — afirma-nos H. Webster — constituem o ramo mais perigoso da Maçonaria (Secret Societies and Subversive movements, p. 218).

Esta seita, fundou-a João Adão Weishaupt, judeu, Reitor da Universidade de Ingolstadt. Fôra êste homem educado pelos Jesuítas. Pervertido depois pelo filosofismo

da época. Escandaloso e perverso. Protegido por seu padrinho, o Conde de Ickstadt, que o tornou nobre por decreto, pôde, não obstante protestos gerais e escândalo dos honestos, ser nomeado Professor da Universidade de Ingolstadt. Cheio de ambição e orgulho, sequioso de domínio, quis entrar na Maçonaria, que era então o guindaste de todos os canalhas anticlericais. Mas foi repelido. Ao menos aparentemente. Nomeado Reitor da Universidade, resolveu proceder por iniciativa própria. A exemplo das muitas sociedades secretas em voga nas Universidades, fundou êle uma para seus estudantes em Ingolstadt, a 1.° de maio de 1776. Deu-lhe o nome de **Ordem dos Iluminados.** Sua associação, entretanto, apresentava caráter mais especial que as das outras Universidades. Tinha de ser mais perversa que tôdas e mais astuta e mais perversa que a Maçonaria existente. O fundador concentrou na sua organização e disciplina tôda a perversidade e métodos da Maçonaria de então, e forjou muitos outros métodos novos, verdadeiramente demoníacos.

A propósito de sua organização, consultemos R. Le Forestier. "Dividia-se a Ordem dos Perfectibilistas, ou Ordem dos Iluminados, em três círculos: Noviços, Minervais e Areopagitas. Além dêstes, existia a junta se-

creta, ignorada de todos. O juramento obrigava a inviolável segrêdo e a uma obediência passiva. Era a Associação dirigida por um grupo de 12 Areopagitas, que usavam pseudônimos greco-romanos, por detrás dos quais atuavam personalidades mais poderosas e mais secretas. Os doze eram encarregados sobretudo de estudar os caracteres dos estudantes, a-fim-de ver quais os espertos, os intrigantes, os industriosos, os sem escrúpulos e os sociáveis, de maneira a atraí-los para a Ordem". (Les Illuminés de la Bavière et la Franc-Maçonnerie, p. 29-31 e 49-67)

Quanto às atividades da seita, nos diz o autor: "A Ordem ministrava por intermédio de seu Minerval-Iluminado o ensino superior da filosofia e da educação social anticlerical. Cada membro era obrigado a ser espião e delator de seus companheiros. Aprendia-se a arte da dissimulação. Roubavam-se das bibliotecas dos conventos livros e documentos preciosos. Espalhavam-se terríveis panfletos contra a Igreja. A perversão levada a efeito no seio da mocidade estudantil era medonha, sobretudo porque Weishaupt e seus acólitos preferiam recrutar neófitos entre os rapazes de 15 a 20 anos, mais fáceis de modelar". (Op. cit. p. 71-91)

Em 1780, os Iluminados se incorporaram oficialmente na Maçonaria. Por que? Segun-

do uns, por falta de recursos pecuniários e desavenças internas. A causa, entretanto, cremos dever buscar-se mais longe: nas afinidades entre a Maçonaria e o Iluminismo, bem como nas antigas aspirações de Weishaupt, e sobretudo na agudeza de vista dos maiorais maçons, que perceberam nesta Ordem secreta elemento de grande valor para realizações políticas e sociais.

A nova união propagou-se muito. Já em 1784 sua fôrça era bem grande na vida pública da Alemanha do Sul, influenciando ocultamente os tribunais, a administração e as tramas políticas. "A rede de seus adeptos cobria a Baviera" — afirma Le Forestier.

Os maiores movimentos terroristas na Europa foram agitados por esta seita. E ela é, também, na sua maior parte, responsável pela mentalidade racista, dominadora e conquistadora do povo alemão; portanto, pelos males últimos da história e pela hecatombe dos nossos dias.

COROLÁRIO

Tal é, em rápido escôrço, o que se pode aventurar sôbre as origens da Maçonaria. Como se vê, ela é, quiçá, inspiração do próprio demônio, "a sinagoga de Satanaz" no dizer de Pio IX — pois nos seus princípios

foi aprovada pela presença real do mesmo demônio, segundo autoriza afirmar a história dos Templários e de multidão de seitas ocultistas, que, reunidas em 1717, a geraram tal qual hoje a temos.

Êste recurso aos fastos de seu aparecimento nos mostra sucintamente a razão de ser de **sua finalidade**, de **seus planos**, e de **sua organização**. Inspirada e criada pelo demônio, só pode ter por **finalidade última** a guerra a Deus e o culto de Satã mesmo, aliás conseguido plenamente na Itália e na França sobretudo, como não será difícil demonstrar à luz de documentos autênticos. Por **finalidade próxima**, a destruição de tôda autoridade, temporal e espiritual. **Como planos**, que levem caminho reto a estas finalidades, a implantação da república em todo o mundo, com um centro em Roma, também oficialmente conseguida, bem como a subversão da moral social e familial, cujos destroços nos grandes centros palpamos, sem atinar-lhe com as causas imediatas. **Sua organização**, com graus e títulos, herdada em parte dos grêmios franco-maçons da idade média, pois conserva-lhes os títulos e graus iniciais: mestre, companheiro, aprendiz, e outros; parte tomada aos títulos dos Templários: Cavaleiro da Cruz de Sto. André, Mestre do Grande Oriente, Cavaleiro de Rosa

Cruz, etc. Como a sociedade dos Franco-maçons daquelas idades de ferro, é ela **internacional** e visando **fins internacionais**; em parte filosófica e religiosa; em parte simplesmente humanitária e social.

E' assim que as origens da Maçonaria nos dão de relance a amostra de seus planos, organização e finalidade. Estudemo-los, pormenorizando e documentando.

CAPÍTULO IV

ORGANIZAÇÃO DA MAÇONARIA

Antes do mais, direi que a Maçonaria apresenta uma organização ímpar, como outra não existe, apta para levar os seus adeptos a uma finalidade perversa como a que tem. Fruto do gnosticismo, do maniqueísmo, do alquimismo, do ocultismo, da magia, da cabala judaica, reunidos a cavaleiros afeitos a estratégia de conquista, a Maçonaria, em sua organização, arma-se do segrêdo e do mistério, segrêdo tão profundo, que a maioria mesma dos seus membros ignora por completo.

E' dupla a organização da Maçonaria: uma, **aparente**, a administrativa; outra, **secreta**, a dos planos. A aparente é a discriminada nos "estatutos" das diferentes lojas, sob reconhecimento do govêrno e franquiada ao exame de quantos quiserem conhecê-la.

ORGANIZAÇÃO APARENTE

Para descrever bem a organização aparente, citemos Léon de Poncins, autoridade em matéria de Maçonaria:

"A Maçonaria de todo o mundo — diz êle — divide-se em vários grupos, administrativamente independentes uns dos outros, correspondendo cada um dêles a um país. Tem denominações diferentes, tais como Federação da Grande Loja de Inglaterra, do Grande Oriente de França, etc. (3)

Êstes grupos nacionais, batizados de Grande Oriente ou Federação ou Grande Loja, têm seus estabelecimentos filiais, ditos lojas, nas várias cidades de cada país. "Cada loja — continua Poncins — é dirigida por 5 oficiais, eleitos anualmente: O Venerável, o 1.° e 2.° vigilantes, o orador oficial e o secretário, que só têm autoridade nas suas lojas". (4) "Cada loja elege um delegado, os delegados todos se reúnem duas vêzes por ano, e a assembléia assim constituída é a Convenção ou parlamento maçônico da federação" (5). "A convenção examina os as-

---

(3) As fôrças secretas da Revolução, pág. 20, ed. do Globo, 1937.

(4) Idem, pág. 21.

(5) Idem, ibidem.

suntos de interêsse geral da Maçonaria, fixa o orçamento, resolve as modificações dos estatutos, entra em relação com as outras federações e, na atualidade, ocupa-se principalmente de questões políticas e religiosas". (6)

É esta a organização visível, administrativa, da Maçonaria. Que existe sòmente para camuflar, para desviar os olhares de sôbre o órgão vital ativo da sociedade: a entrosagem interna, a organização secreta dos planos e dos graus.

ORGANIZAÇÃO SECRETA

Há na Maçonaria graus a que estão ligados títulos, e à ascenção dos quais subordina-se, ou não, a revelação dos segredos e planos verdadeiros, segundo o associado parecer ou não idôneo. O número dêstes graus e títulos varia conforme o ritual (7) que a loja escolheu. No mais comum dos ritos, que é o Escocês, enumeram-se 33 graus, sendo os 3 primeiros **aprendiz, companheiro** e **mestre,** estágio, período de catequese, de instrução maçônica, em que os aspirantes, sem saber, insensìvelmente, bebem a ideologia ma-

(6) Idem, loc. cit.

(7) Citado pelo Pe. T. Dutra, op. cit., pág. 199.

çônica, revestem-se do espírito maçônico, ainda convencidos, quem sabe, de que a Ordem é mero instituto de beneficência ou filantropia. Êstes graus importam em nenhuma obrigação. Constituem a **maçonaria azul** da qual se podem apartar os membros, sem a menor responsabilidade e risco de vida. Os demais 30, ao contrário, subordinados a segredos que se promete guardar sob juramento irrevogável e sob pena das mais atrozes espécies de assassínio, constituem a **maçonaria branca**, da qual, uma vez membro, não é mais possível ao homem desligar-se porque senão vingam-se dêle os "irmãos" com o veneno ou com o punhal.

Não vai aqui espaço para transcrevermos todos êstes títulos e graus. Enumeremos apenas os maiores: o grau 28, com o título de Príncipe Adepto, Príncipe do Líbano, ou Cavaleiro do Sol; o 29.°, Patriarca das Cruzadas ou Grande Escocês de Santo André; o 30.°, Cavaleiro Kadosch, ou Cavaleiro Sagrado ou ainda Cavaleiro da Águia Branca e Negra. Êste último — observa Ragon — é o "nec plus ultra" da Maçonaria; porque os 3 derradeiros nada mais têm de segrêdo com respeito aos planos, e são meros títulos sem significado.

Observemos de passagem, nestes títu-

los, a influência da tradição templária e judaica na Maçonaria. Assim, Príncipe do Líbano, Príncipe Adepto — são reminiscências da pretensão judaica; Patriarca das Cruzadas e Grande Escocês de Santo André, nada mais que resquícios de títulos dos Cavaleiros Templários; judaico ainda, lìdimamente judaico, judaico até na palavra, o título de Cavaleiro Kadosch, nome hebraico que significa sagrado.

E' importante notar com Léon de Poncins que "na organização administrativa aparente, os chefes são eleitos, ao passo que, na organização dos graus, são nomeados por seleção. Os maçons de graus superior observam os seus irmãos de grau inferior, e só admitem entre êles os que julgam dignos de serem escolhidos. Outra particularidade: a nomeação de um adepto para um grau qualquer é definitiva, enquanto, na organização administrativa, a eleição é sempre temporária". (8)

"O número dos graduados — observa ainda Poncins — "diminui proporcionalmente à elevação, e os altos graus tornam-se cada vez mais secretos". (9)

---

(8) Op. cit. p. 22

(9) Idem, ibidem.

A DIREÇÃO DA MAÇONARIA

Mas, sem dúvida alguma, o que torna ímpar a organização secreta maçônica é a disposição hierárquica não só dos membros mas também das lojas em cada federação e de tôdas as federações no intercâmbio mundial, fazendo dela uma **unidade universal**, com um centro diretor secreto, inteiramente desconhecido.

A respeito da existência dum grupo misterioso, possìvelmente um pugilo de judeus, que governa tôda a Maçonaria, e, consequentemente, o mundo todo, não se pode admitir a menor dúvida. E' o que pensa Léon de Poncins: "A resistência secular da Maçonaria ao tempo, diz êle, sua universalidade, a destreza e habilidade com que prossegue na penumbra fins imutáveis, o papel incomparável que ela há exercido em todos os movimentos políticos revolucionários modernos, a religião do segrêdo que tão compulsòriamente impõe a seus membros e parece serlhe de necessidade vital, tudo isto se nos afigura difícil de conceber se não se admite a existência de um centro diretor internacional oculto". (10)

---

(10) Léon de Poncins — La Dictature des Puissances Occultes — La F... M... pág. 259.

Um excerto confirmativo do que diz Poncins é êste da carta do maçon Melegari dirigida a um seu amigo em 1836: "Queremos sacudir todo o jugo, e há um que não se vê, que apenas se sente, e que pesa sôbre nós. Donde vem? Onde está? Ninguém o sabe, ou, pelo menos, ninguém o diz. A associação é secreta até para nós veteranos das associações secretas. Exigem de nós, por vêzes, cousas de arrepiar os cabelos. Acreditareis que me informam de Roma que dois dos nossos, bem conhecidos pelo seu ódio à Religião, foram obrigados, por ordem do chefe supremo, a ajoelhar e comungar na Páscoa?..." (11)

Esta organização incomparável é que tem realizado as maiores revoluções no mundo. E' ela que faz a Maçonaria influenciar constantemente no govêrno de todos os países. E' ela que tem derrubado os tronos e sugerido revoluções. E' ela que à socapa nos domina.

---

(11) Cit. por L. de Poncins — As Fôrças Secr. da Rev., pág. 60.

CAPÍTULO V

A FINALIDADE DA MAÇONARIA

Oculta pela mais refinada hipocrisia dos chefes e despercebida aos que mais trabalham por conseguí-la, a finalidade da Maçonaria é a mesma desde os inícios, tem vencido as épocas, tem-se realizado, é a mais profunda realização do mal.

*
**

Ela é também dupla: uma, imediata e 1.ª, entendida pelos homens: a destruição de tôda a autoridade temporal e espiritual; a outra, última, entendida pelo fundador real da Maçonaria, Satanaz; a destruição do culto de Deus e a implantação do satanismo.

Reduzindo estas duas finalidades a uma expressão só, de efeito mais atual, e radicalmente verdadeira, posso dizer que a finalidade da Maçonaria é destruir a civilização cristã, para implantar uma outra, néo-pagã.

Eis cousas que não é difícil provar à luz dos fatos individuais, à luz dos escritos maçônicos, à luz dos discursos de seus maiores, à luz dos estatutos da seita. E, mais ainda, cousas que a Maçonaria realmente conseguiu em plenitude, tanto quanto é possível na luta contra um poder infinito. Porque a Maçonaria e a Igreja são as duas únicas instituições que venceram o tempo e os homens, e conseguiram realizar, quanto é possível, no espaço e no tempo, planos que transcendem tôdas as concepções humanas.

Entretanto, só demonstrarei que são realmente tais as finalidades maçônicas. Não enquadra no motivo de minha tese evidenciar suas atuais realizações.

GUERRA A TÔDA A AUTORIDADE

Comecemos pelo mais concreto. Que seja a finalidade imediata da seita destruir a autoridade temporal é cousa das mais claras. Temos ouvido dizer, constantemente, que é fim da Maçonaria minar os tronos, implantar uma república universal, acabar com a monarquia. Tudo isto é verdade inegável. Para comprová-lo, basta respiguemos alguns trechos dos mesmos maçons.

José de Maistre, que por sinal foi ma-

çon, muito embora iludido (12) e maçon "que conhecia a Maçonaria a fundo" (13), avisava a seu rei, escrevendo de S. Petersburgo: "Vossa Majestade não deve duvidar da existência de uma grande seita, que jurou a destruição de todos os tronos. E para destruir os príncipes é dos mesmos príncipes de que ela se serve com infernal habilidade... Vejo por aqui o que tenho visto em outras partes, isto é, uma fôrça oculta, que ilude os soberanos, levando-os a estrangularem-se com as próprias mãos. A ação é incontestável, se bem que o seu agente não é ainda completamente conhecido. O talento desta seita para encantar os governantes é o fenômeno mais extraordinário de que há memória neste mundo". (14)

Em 1816, o mesmo José de Maistre advertia do perigo a Alexandre I, nestes termos quase idênticos: "Existem sociedades organizadas para destruirem todos os tronos e altares".

Um dos avisos da Convenção na França em 1789 continha esta frase: "Há uma raça de assassinos que se chamam reis e

---

(12) E' o que nos autoriza dizer Léon de Poncins, em nota à margem de um de seus livros.

(13) Pe. T. Dutra, op. cit. pág. 82.

(14) Oeuvres complètes, t. XII, pág. 42.

príncipes. Guerra de morte a êsses assassinos!" (15)

E Robespierre babou, certa vez, num desconchavo de palavras, à Maçonaria delirante: "Os destinos da República e dos tiranos foram postos nas balanças eternas; os dos tiranos foram achados mais leves. Franceses, esqueçamos nossas desavenças, e marchemos contra os tiranos. Esmaguemo-los! Vós com vossas armas, e nós com nossas leis!" Escusado estaria de dizê-lo, mas para vosso aviso o lembrarei: que, na linguagem daqueles tempos, **tiranos** era sinônimo de **reis e príncipes.**

CONSPIRAÇÃO CONTRA A DEMOCRACIA

Mais verdade é ainda, porém, que o abater os tronos e as coroas não é senão fim intermédio da seita secreta. O seu fim concreto e principal, na ordem política, é abolir tôda e qualquer autoridade, e tender à anarquia total. Destruir a monarquia era vencer o primeiro óbice. O seu mais secreto intento é acabar com a mesma democracia.

Vamos às provas:

"O único govêrno legítimo é a anar-

(15) Citado por T. Dutra.
(16) Idem.

quia" — afirmava Proudhon no "Monde Maçonnique" de Paris, em setembro de 1870.

Weishaupt, um dos primeiros legisladores da seita, criador dos Iluminados na Alemanha, deixou escrito no seu principal livro "Código dos Iluminados": "Temos falado muito de despotismo e tirania, mas o despotismo e a tirania não estão sòmente no monarca e no aristocrata; acham-se essencialmente no povo soberano democrata, no povo legislador. Que direito tem êste povo, ou esta multidão em maioria, de me impor a mim e à minoria os seus decretos? Acaso existiam povos soberanos e legisladores, quando o homem gozava de sua igualdade e liberdade nativas? O que dizíamos contra os déspotas e tiranos, era para nos levar ao que temos a dizer-vos do mesmo povo, de suas leis e tiranias". (17)

João Witt, "um dos homens mais adiantados das sociedades secretas" (18) desfaz, por seu turno, uma multidão dos nossos enganos, ao dizer: "Quanto não está enganado quem julga conhecer o espírito da seita, pelos 3 primeiros postos! Nestes fala-se ainda da moral do cristianismo e até da Igreja... Mas tudo muda logo que se passa além dos 3 pri-

(17) Idem.

(18) Pe. T. Dutra, pág. 114 — op. cit.

meiros postos. Já no 4.° grau obrigam-se a derribar tôdas as monarquias, especialmente os reis da casa dos Bourbons. Contudo, só no 7.° grau, que pouquíssimos adquirem, é que se manifesta a revolução. Enfim, o véu se despedaça de todo para o Príncipe Sumo Patriarca. Neste ponto, onde o homem é príncipe e bispo a um tempo, o iniciado jura claramente a ruína de tôda a religião e de todo o govêrno positivo, **quer despótico, quer democrático.** E para a execução dos seus proprojetos são permitidos todos os meios: o assassínio, o veneno, o juramento falso, tudo fica à sua disposição". (19)

Se outros tópicos não houvera nos livros maçônicos, para confirmarem o que asseveramos, ainda sobrariam as lições dos fatos. A Rússia, o México e a Espanha e sobretudo a França de 89 são histórias rubras de anarquia e terrorismo que a Maçonaria escreveu.

A LUTA CONTRA A IGREJA

Não é só. A Maçonaria quer, sobretudo, mais que o poder temporal, aluir o poder es-

---

(19) Memórias secretas, pág. 15 e seg.

piritual. A Religião, a Igreja, o Papado — eis o alvo de seu ódio.

"O nosso fim principal é o de Voltaire e o da Revolução Francesa: o extermínio total da Igreja Católica, e até da idéia cristã" — reza a **Instrução da Venda Suprema**. (20)

"E' absurdo (21) — declarou o Prof. de História da Revolução na Sorbone, Aulard, — é absurdo continuar a dizer que não queremos destruir a religião, quando, por outro lado, somos obrigados a confessar que esta destruição é indispensável para a fundação nacional da nova cidade social e política". (22)

E agora Piccolo Tigre, um dos maçons mais subversivos: "Conspiremos contra Roma! E, para isso, sirvamo-nos de todos os incidentes, sirvamo-nos de tôdas as eventualidades. A revolução na Igreja é a revolução

---

(20) Apud Cretineau, tom. II, p. 82.

(21) Cit. por L. de Poncins — As Fôrças Secretas da Revolução, pág. 82.

(22) Esta "nova cidade social e política" não é, porventura, a decantada República universal com uma religião (?!) universal, ou, antes, a "anarquia" comunista, "o único govêrno legítimo" de que falava Proudhon (cf. pág. 57 dêste trabalho), ou, ainda, sob forma cultural, uma civilização nova, néo-pagã, como dizíamos há pouco, reduzindo a uma só fórmula as finalidades maçônicas?..,

permanente, é a destruição segura dos tronos e das dinastias". (23)

Numa das Convenções anuais do Grande Oriente de França, em 1900, foi dada esta diretriz pelo Presidente Lucípio: "O Vaticano é a séde duma internacional malfazeja, e é de tôda a necessidade opor-lhe uma federação de tôdas as obediências maçônicas". (24)

UM TEXTO SIGNIFICATIVO

Resumindo ambas estas finalidades intermédias, ou seja destruir o poder temporal e o poder espiritual, permití-me que vos aponte, com abalizado autor na matéria — Ragon — o ceremonial de recepção de um dos mais elevados graus da Maçonaria secreta — o de Cavaleiro Kadosch, — ceremonial que diz claramente a negra finalidade da seita.

"O 4.º compartimento da loja, que é o da iniciação dêste grau, é pintado de vermelho. Vêem-se nele um triângulo, uma cruz e uma serpente com 3 cabeças: a 1.ª cabeça cinge uma corôa, a 2.ª uma tiara e a 3.ª tem uma espada. O recipiendário recebe um pu-

(23) Ap. T. Dutra, op. cit. pág. 82-83.
(24) Idem, pág. 141.

nhal. O triângulo com um dos vértices para baixo, é emblema de Satã, o qual o iniciado adora..." A serpente designa o mau princípio; a cabeça com a corôa indica os soberanos; a que tem uma tiara representa o Papa, a religião; e a que traz uma espada finge o exército". (25)

SATANISMO E MAÇONARIA

Tudo isto que acabo de vos expor constitui na Maçonaria o fim visado pelos homens, que a compõem. Ela tem, entretanto, um fim que os homens não ousam sempre referir, mas que é querido pelo seu fundador direto e primacial, o demônio. Êste fim é o **Satanismo,** ou o culto de Satã.

A seita secreta padece porventura na sua mais longínqua gênese as influências dos Templários, que acrescentaram às suas infâmias esta última de adorar o próprio Lúcifer. Isto já seria prova ao nosso asserto. Há contudo mais. "Esta monstruosidade está comprovada por dois documentos da própria Maçonaria, absolutamente autênticos. O primeiro é a PRANCHA dirigida pelo grão mestre de Charleston, general Albert Pike

(25) "*L'énnemi*", art. publicado em Paris — 15-11-1880 — cit. por Pe. T. Dutra, op. cit. p. 200.

às lojas paládicas ou de retaguarda da Europa: "A vós soberanos, Grandes Inspetores Gerais, graus 33, dizemos para que o repitais aos irmãos dos graus 32 e 31 e 30 sòmente: a religião maçônica deve ser, para todos os iniciados dos altos graus, mantida na pureza da DOUTRINA LUCIFERIANA". O segundo é um trecho do discurso do irmão 33, Inácio Simigagliesi, na Primeira Federação Maçônica de Palermo: "Satã é o verdadeiro deus! Satã, que os Padres venceram pela astúcia, pela calúnia e pela velhacada, é o criador da obra de igualdade, inteligência, civilização e progresso!" V. Domenico Margiotta, "Le Palladisme", ed. H. Falque, Grenoble, 1895, etc. (26)

Que de mais claro se pode almejar? — Só a lição dos fatos. Pois bem, não deixarei ao menos de mencioná-los.

Tempos houve, em que nações, a Itália e a França mormente, arrastadas pela Maçonaria, chegaram à adoração pública de Satanaz! Procissões hediondas, levando à frente um estandarte em que se via pintada a inimaginável cara do demônio, percorrem as ruas de metrópoles afamadas, por entre hinos que a história guardou, aos gritos infa-

(26) *Hist. Secreta do Brasil* — Gustavo Barroso, em nota à margem, das págs. 82 e 83.

mes de "Viva Satã" e "Morra Deus!" Ouviram-se discursos blasfemos, leram-se artigos infernais, escreveram-se poemas ignóbeis, em que se fêz o elogio do eterno inimigo de Deus.

Exagêro? Exagêro próprio dos que vêem o demônio em tôdas as façanhas dos maus? Absolutamente. E, por isso, não me quiserá alforriar da obrigação de fazer citações. A brevidade, porém, me obrigou ao contrário. Não me darei ao trabalho de aqui copiar êstes desvarios supremos de homens endemoniados, já por não ser longo, já porque transcritos no próprio idioma nem todos entenderiam e a tradução não teria a fôrça do original, já, enfim, porque não convém manusear objetos de tamanha náusea. Mas reporto quantos me lêem às melhores obras que os consignam: Jac Van Term e, mais pormenorizado, o trabalho de Margiotta, "Le Palladisme", acima citado.

DESTRUIR A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

Resta por derradeiro confirmar que estas finalidades, reduzidas a outra expressão, vêm a dar no seguinte: destruir a civilização cristã e implantar uma nova ordem, néo-pagã. Quem não o percebe? Destruir os altares, abrogar por completo tôda a autoridade, eri-

gir em supremo postulado a anarquia familial, social e política, vindicar, ao final, o culto do demônio, não será construir um edifício de civilização inteiramente novo? Não sou eu quem o diz. E' ainda Léon de Poncins, a maior autoridade quiçá em matéria de seitas secretas. "O intuito da Maçonaria — afirma êle (27) — é destruir a civilização atual, essencialmente cristã, para edificar sôbre os seus escombros o mundo maçônico, baseado no racionalismo ateu".

E abonam-no os mesmos Maçons.

Findel: "Não se trata nada menos do que da reedificação da sociedade sôbre bases inteiramente novas, da reforma do direito, do princípio de existência, notadamente do princípio de comunidade e o das relações recíprocas dos homens". (28)

Afirma por sua vez **Clavel:** "Apagar entre os homens a distinção de classe, de crença, de opinião, de pátria... em uma palavra, fazer de todo o gênero humano uma só família, eis a grande obra empreendida pela franco-maçonaria, para a qual ela reclama os auxílios do aprendiz, do companheiro e do mestre". (29)

---

(27) *As fôrças secretas da Revolução*, pág. 80.
(28) Les principes de la Franc Maçonnerie, pág. 163.
(29) Citado pelo Pe. T. Dutra, op. cit. pág. 81.

Que é tudo isto senão querer construir uma civilização nova?

Aí ficam, pois, de raso e de liso, as finalidades da Maçonaria.

Pena é que não remanesça motivo nem espaço para demonstrar como, infelizmente, já foram em grande escala realizadas.

CAPÍTULO VI

OS PLANOS MAÇÔNICOS

Planos são os traçados de um caminho a palmilhar. E' a indicação do roteiro mais viável à finalidade. Se é próprio do agente dotado de razão visar um fim, é próprio do que tem razão mais arguta traçar-se planos os mais acessíveis. E a Maçonaria, que trabalha não sòmente dirigida pela razão mas por uma razão agudíssima, orientada pelo espírito do mal, tem planos incomparáveis, ardilosos, viabilíssimos.

Mais uma vez é necessário confessá-lo, êstes planos foram e estão sendo, como a organização secreta da seita, um produto do tempo. Como tal, a Maçonaria teve planos, que não existiram nos seus primórdios; foram produto da época e do lugar. E, atualmente, ela engendra, por certo, novas artimanhas, novos planos, que só aparecerão à clara luz daqui a anos, daqui a séculos empós de sua realização.

O que se pode concluir depois de algum estudo sôbre o assunto, é que anteriormente à sua organização oficial em 1717, a seita não elaborara para tôdas as lojas um plano de ação concretizado. Os asseclas tinham em vista o fim geral, e laboravam como a esmo para a realização dêle. Da confraternização mundial de 1717 data a estabilização de **planos gerais** para todo o mundo, devendo cada federação nacional ter **planos particulares.**

São pois os planos maçônicos: **gerais** e **particulares.**

Os **gerais,** poderei reduzí-los aos dois seguintes:

1 — A implantação da república em todo o mundo, o que remontará por fim, na implantação de uma república universal, cujo centro há de ser Roma.

2 — A subversão da moral social e familial.

Quem não vê logo a facilidade com que tais planos levam à consecução dos fins da seita, não só dos fins humanos entendidos, mas até do próprio fim demoníaco?

Quanto aos **planos particulares,** seria difícil especificar, mas não será difícil exemplificar. Assim, foi plano particular da Maçonaria que, na Inglaterra, o seu modo de proceder seria inteiramente diverso do modo

de proceder noutros países: não estabeleceria ali a República; teria ali uma indiferença glacial no que concerne à política e à religião; seria ali mais filantrópica e social. (30)

Outra exemplificação seriam os planos relativos ao maçonismo no Brasil, a respeito do qual se ajustou deixar os próprios maçons, na maioria dos casos, em absoluta ignorância sôbre o que representam e são, até nos mais altos cargos políticos. Na conclusão trarei mais de arrôjo êste ponto.

---

(30) Eis o que diz a escritora inglesa *Webster* a respeito da Maçonaria em sua terra: "Antes de tudo, embora seja formada pelos mesmos graus hierárquicos, a Maçonaria inglesa difere nos rituais, nas fórmulas, nas cerimônias e na interpretação dos textos e dos símbolos. Além disto, a Maçonaria inglesa é essencialmente honesta. Enquanto no Grande Oriente, através do dédalo das cerimônias, o iniciado coopera para um fim que ignora e que mais tarde, muito tarde, lhe pode parecer absolutamente diverso do que julgava, na Maçonaria inglesa embora só se adiante gradualmente no conhecimento dos mistérios da Ordem, sabe, desde os primeiros passos, o intuito geral da Associação. Em 3.° lugar, a Maçonaria inglesa é filantrópica... Mas o ponto em que se deve insistir é que a Maçonaria inglesa se conserva rigorosamente estranha à política, não só em teoria como na prática, e define e repete continuamente esta asserção". Apud Léon de Poncins — *As fôrças secretas da Revolução*, pág. 89.

Isto, porém, é a realização de um plano preconcebido. Mero plano. Nada mais. Estou pelo que diz Léon de Poncins — "Atualmente, a Maçonaria inglesa não é subversiva, nem anti-

Mas é preciso documentar quanto hei dito sôbre os planos gerais. Fá-lo-ei com brevidade.

Afirmei, 1.°, ser plano da Maçonaria a implantação da República universal, cujo centro ha-de ser Roma. Vamos às palavras dos mesmos maçons.

A REPÚBLICA UNIVERSAL

Que tenha planos duma República universal, é isto explícito em seus documentos. "A preocupação da Maçonaria foi sempre na ordem política a República universal, como na ordem filosófica o triunfo do livre pensamento". (Le Bulletin Maçonnique, Décembre, 1882, p. 229)

Na Convenção do Grande Oriente de França em 1896, a que já me reportei, o Presidente Lucípia, brindando, no banquete de confraternização, aos maçons presentes e aos

---

religiosa. A maior parte dos maçons ingleses é formada de homens muito respeitáveis e os seus chefes aparentes são superiores a qualquer suspeita; isto não obsta a que a Maçonaria seja uma organização perigosa e essencialmente contrária ao catolicismo e ao cristianismo." (L. Poncins, op. cit. pág. 90) Esta observação é cabível em todos os casos de camuflagem semelhante.

do mundo inteiro, terminou pelo grito: "Viva a República Universal!" (31)

E' notável que êste plano, oculto o mais possível aos outros, aparece sempre nas convenções maçônicas, ao entrechoque das taças, sob a forma de brinde. Eis mais um brinde maçônico, também do Presidente do Grande Oriente, êste, na convenção de 1923: "À República Francesa, filha da Maçonaria universal!" (32)

E o velho sonho não morreu, e não morre com o declinar dos anos. A. Lantoine, ardente escritor maçon, não se peja de confessar, quase em nossos dias, a existência do velho segrêdo que não morre: "Não temos o direito de desanimar — assevera êle — porque o nosso segrêdo continua sendo o mesmo... Consiste em edificar, insensìvelmente, uma República universal... que terá como Rainha a Razão e, como supremo conselho, uma assembléia de sábios". (33)

E' curioso como se trai nas palavras êste exmo. sr.: "uma República", governada por uma "Rainha".

Já bastam estas citações.

---

(31) Apud Pe. T. Dutra, op. cit. pág. 141.

(32) Convenção do Grande Oriente, 1923, p. 403.

(33) A. Lantoine — Hiram no Jardim das Oliveiras, Liv. Gloton, Paris, 1928, pág. 30-32.

ROMA, CENTRO DA MAÇONARIA

Que desta república, nos planos da seita, deva ser Roma o centro único, está de sobejo distilado nestas palavras de Mazzini: "Roma não é cidade. Roma é uma idéia. Roma é a sepultura de duas grandes religiões que inspiraram o mundo passado e o santuário de uma terceira que falta e que dará ao mundo a vida do futuro. Roma é a missão da Itália entre as nações; a palavra e o verbo de nosso povo; o evangelho eterno da unificação das nações". (34)

Mais expressivas estas palavras de um documento oficial da loja holandesa "Hiram Abiff" — "Quando o cadáver do Papado fôr enterrado definitivamente, os franco-maçons encherão o abismo entre a cidade eterna e o Vaticano. Pois, nesta hora, o Vaticano ressuscitará, revestido de novo esplendor, como a primeira Grande Loja, e a Basílica de S. Pedro, como o primeiro templo da aliança da humanidade". (35)

"De Giuseppe Mazzini temos, ainda, muitas citações, que propagam exclusivamente a conquista de Roma para estabelecer

---

(34) Opere di Giuseppe Mazzini, vol. XIV, pág. 246.

(35) Irm. M. G. Conrad — Calendário de 1898, folha de 18 de julho.

nesta cidade a República mundial, governada por uma Religião universal. A idéia tem o apoio da maçonaria britânica e americana, e geralmente de todos os núcleos maçônicos do globo". E' o que nos assevera o fidedigno autor de quem tomei emprestadas estas citações. (36)

SUBVERTER A MORAL

O segundo plano geral da Maçonaria é subvêrter a moral social e familiar. E' esta uma asserção a cujo comprovamento não se podem aduzir textos absolutamente positivos. Mas nem por isso deixa de ser improvável. A dar crédito a dois autores fidedignos porque sacerdotes e homens que revelam grande cultura e muita imparcialidade em assuntos tais, eis o que apuro.

"Entre os livros citados que me foram roubados, escreve um dêstes sacerdotes, — o Pe. Everardo Guilherme Von Mollengraaf — havia alguns de origem romana e que recomendam uma ação direta de propaganda para:

a) os teatros imorais, nos bairros populares;

(36) Pe. Everardo Guilherme — Solidarismo ou Sociologia Católica, vol. 2. A autoridade e as fôrças secretas — Livr. Editora "Odeon" — S. Paulo — Pág. 57 — art. CCLXI — b).

b) construção de piscinas para "banhos mistos";
c) esportes mistos com a separação menor que fôr possível;
d) passeios mistos, com acampamentos ao ar livre, à noite, etc. (37)

Do segundo, que é o Pe. Teófilo Dutra, homem de grandes méritos em letras e ciência teológica, envenenado pela Maçonaria logo após a 1.ª edição de seu livro "**Seitas secretas**" — do Pe. T. Dutra, translado êste tópico referente ao matrimônio:

"No entender dos sectários maçônicos, o casamento é a legislação do adultério, e deve ser destruído pela soberania das paixões, e pela emancipação do prazer". "Como esta destruição se não pode fazer por um só golpe, deve ser tentada a pouco e pouco, sendo o primeiro passo a substituição do casamento cristão pelo civil". (38)

Demais, é bastante óbvio que a campanha do divórcio foi sempre campanha maçônica. (39)

---

(37) Op. cit. pág. 15 art. CCXXXIV.

(38) Op. cit. pág. 269 letra "a".

(39) Reafirmo-o. Foi sempre... desde 1878 pelo menos. A 21 de nov. de 1878 "La France", órgão da Maçonaria, veiculava o seguinte: "A indissolubilidade do casamento é infame, porque é contrária à natureza imperiosa (!!!), a seus

Não posso furtar-me também à tentação de dar-vos a amostra de como certa revista maçônica, da Holanda, trata da prostituição e do amor livre.

"Considerando o problema, deve-se distinguir bem o lado social e o lado puramente moral. Atualmente, a respeito da vida social, o amor livre está condenado; no sentido meramente moral, porém, deve ser considerado como elevação".

"E assim também deve ser considerada a prostituição. Algumas das suas formas, sobretudo quando os sentimentos elevados de amor se apresentam, são apreciáveis de um ponto de vista moral, porque são êles, principalmente, a consequência dos defeitos nas condições sociais". (40)

E, por fêcho desta corrente de hediondezas, o último elo, do sectário Laurent Valla: "As mulheres de mau viver são mais

---

instintos grosseiros, às suas paixões ardentes". Em 1879, "Le Figaro" de 18-12-79, o mais conhecido jornal maçônico, batia a mesma tecla: "A indissolubilidade do vínculo conjugal é infame, porque o homem não é senhor de si, nem de seus sentimentos". Em 1943, as cousas não podem ser diferentes. Sustendo e guiando sempre a pena rombuda dos que se jactam de não ser ultramontanos, está sempre a mão de Hiram.

(40) Cit. pelo Pe. Ev. Guilherme, op. cit. pág. 18.

úteis à humanidade que as Irmãs de Caridade". (41)

Êstes últimos trechos nada dizem de positivo senão da maldade dos maçons que os subscreveram. Mas o desabrimento dos chefes trai as intenções da sociedade.

(41) Cit. pelo Pe. T. Dutra, op. cit. pág. 134.

CAPÍTULO VII

O PERIGO MAÇÔNICO

Os espíritos superficiais e levianos lêem e pasmam. Os espíritos reflexivos lêem, pasmam, e concluem.

Pasmam os levianos, porque o pasmar pode ser simples esteriorização fingida em face do que se presume ter compreendido. Do espírito ponderado e amadurecido, porém, nem sempre é próprio o pasmar-se, mas o tirar conclusões, porque lê nas entrelinhas, até às mais remotas consequências, e só se admira prevendo.

Não sejamos dos primeiros. Lemos e pasmámos em face da perversidade da Maçonaria. Concluamos agora para o presente e para o futuro.

No entremeio de tantas apreensões do porvir de nossa Pátria, de nossa Religião, de nossos lares, de nossa liberdade e nossa vida, ainda é preciso que sobrepaire mais a angústia dêste aviso: — **Existe ainda, e mais**

que nunca, o perigo maçônico! Existe ainda para o mundo todo. Existe ainda para o Brasil.

O PERIGO MUNDIAL CONTEMPORÂNEO

Sim. Não nos iludamos. O perigo maçônico não passou! Não é um anacronismo ultramontano. E estou em dizer que, nos dias de hoje, em que menos nos ocupamos dêle, é que êle mais nos solapa.

A Maçonaria ainda existe. Ninguém o nega. Logo, se existe, e porque existe, continua a ser fiel a seu programa de trabalhar no oculto e na sombra.

E', pois, cousa das mais palpáveis que ela constitui **grande perigo,** ainda agora. Sobretudo para a nova construção que se projeta de um Mundo Novo, erguido sôbre bases sòlidamente cristãs, onde a visão do sobrenatural sobrepuja a visão da técnica. E' isto justamente porque êste Mundo Novo que queremos é um antagonismo ao Mundo Novo ateu que a Maçonaria imaginou, e jurou construir na sombra, muito antes de nós.

A Maçonaria não é um óbice. E' um perigo. Antes fôsse óbice! Porque o óbice é ostensivo, é visível, é claro, não ilude. Quando digo, porém, que a Maçonaria é um peri-

go, é porque ela é um poder oculto, um verme sorrateiro e carcomedor, uma mina secreta, que vai, à surdina, roendo os alicerces do que já está construido e do que se fôr construindo.

A nossa civilização do Ocidente vai em ruínas. Pulverizam-se a pouco e pouco os fundamentos da construção grandiosa, aluídos pelo néo-paganismo. A nossa sorte será a destruição. A nossa sorte será desaparecer, se os indivíduos e os poderes, precavidos contra a Maçonaria, não ajudarem a Igreja, a eterna civilizadora, na ereção do predicado Mundo Novo de bases inteiramente cristãs.

Porque a Maçonaria — repito — é essencialmente aluidora. A idade média fêz um grande edifício de fé, um mundo colossal, em que, realmente, a visão do sobrenatural sobrepujava a visão da técnica. E a Maçonaria o veio minando através dos séculos. — "Há quatro séculos que minamos o Catolicismo, a máquina mais forte que o espiritualismo inventou..." — confessava, em 1865, no Congresso Maçônico de Liège, um grande Maçon, Lafargue.

E agora ainda o perigo maçônico não passou. Estas novas formas de democracia mascaradas, em que, sob a capa de velhos títulos, se impingem novos regimes, em que,

sob títulos de repúblicas, se ficam impérios totalitários, não serão, porventura, a realização dos últimos planos acobertados?... Uma verdade sempre ficará de pé: a república como hoje a temos, é uma forma de govêrno lìdimamente maçônica! E a república totalitária ha-de ser o pior dos males, porque o maior triunfo da Maçonaria. (1)

Como proceder, pois? Não podemos destruir a Maçonaria, porque sua direção é secreta, desconhecida, infernal. Para minorar, portanto, a nossa crise de civilização e reconstruir o Novo Mundo que sonhamos, é preciso precaver-nos contra o perigo maçônico.

O PERIGO PARA O BRASIL DE HOJE

E se êste perigo existe em tôda a parte, existe grandemente no Brasil de hoje.

Que fiquemos precautos, de modo especial, nós brasileiros. A nossa Maçonaria é a mesma que a da Europa, com esta agravante terrível de ter aqui o timbre da "indefinição". Não o digo de mim. E' alguém, a prin-

(1) Estas palavras, escritas há nada menos de 7 anos, visavam, principalmente, a república totalitária do Brasil, implantada com a pseudo-constituinte de 39, que reunia, sem dúvida, as fórmulas tôdas do programa maçônico em seu govêrno, conquanto não perseguisse ostensivamente a Religião cristã.

cípio iludido, que vo-lo vai expor em meu lugar.

Tristão de Ataíde em **Contra-Revolução Espiritual** (Pág. 84 e segs.) observa como, de princípio, não ligava importância à maçonaria brasileira, e julgava insólita e anacrônica a atitude de quantos, como Jackson, Felício dos Santos e vários bispos "ultramontanos", se preocupavam por cá de problemas de Maçonismo. "As lojas maçônicas do Mangue ou da Rua do Lavradio nos pareciam perfeitamente inócuas e sobretudo ridículas — escreve Tristão. Meia dúzia de vendeiros portugueses se reuniam em salas adornadas de triângulos, em tôrno de uma mesa presidida por um maioral de martelo em punho, para discutir os meios mais fáceis de aumentar o preço do bacalhau..." Para Tristão de Ataíde era só isso a Maçonaria em nossa terra.

"Pouco a pouco, porém — comenta êle — fui mudando de parecer. Compreendi que o maior argumento com que censurava a obseção anacrônica dos católicos, isto é, a inexistência de sinais visíveis de Maçonaria, era exatamente a prova melhor de sua contínua atuação em nosso meio e do veneno mais pernicioso que distilava. Seu apagamento aparente era consequência de sua própria natureza. Agia na sombra para melhor

penetrar. O segrêdo de que se cercava era a sua grande fôrça. Não combatia, solapava. Não derrubava, corroía. E trabalhando sempre nos bastidores, representava mais do que se estivesse em cena. De modo que o fato de não ver jornais maçons, ou partidos maçons, longe de ser um sinal de decadência da seita, era uma prova de que continuava a ser fiel â sua própria natureza de ave noturna e de verme roedor"...

E, se pedirmos ao nosso ilustre patrício uma definição da Maçonaria brasileira, eis o que nos responderá agora, após a mudança de suas concepções: "Definí-la é impossível, pois ela é, no nosso caso, a própria indefinição! Digo, no nosso caso — porque a Maçonaria possui faces diferentes segundo o meio em que atua, mas prossegue sempre no seu sonho de domínio universal, que é o de herdeira da Igreja Católica".

Aí está todo o segrêdo maçônico. Disse bem Tristão de Ataíde. Duas verdades básicas sôbre tôda a Maçonaria, e uma sôbre a nossa Maçonaria brasileira. Sôbre tôda a Maçonaria, duas verdades: 1.ª) ela "possui faces diferentes segundo o meio em que atua; 2.ª) "mas prossegue sempre no seu sonho de domínio universal, que é o de herdeira da Igreja Católica". Uma grande verdade sôbre a Maçonaria do Brasil: "No nosso caso, ela

é a própria indefinição". Esta a "face diferente que ela assumiu em nosso meio". Como entendo isto? — Entendo, que, no Brasil, a Maçonaria é "a própria indefinição" personificada; isto é, seus membros, seus chefes aqui não se definem, não dizem, nem mesmo sabem, sequer, o que querem. São indefinidos e indefiníveis. E por que? — E' que são iludidos pelos Grandes Orientes de Paris e de Londres. Êles não sabem sequer o que é a Maçonaria. E os Grandes Orientes não lh'o revelam. Querem que o modo de ação maçônica seja, aqui, em nosso meio, por indefinição.

E como êste sibilinismo maçônico surte efeito! Surte efeito, pois leva todos a suporem que a Maçonaria, no Brasil, não tem a maldade que a distingue na Europa, visto como — dizem — os maçons de cá nem sabem o que é Maçonaria!...

Engano puro! A Maçonaria, pelo fato de iludida, ou "indefinida", é, no Brasil, muito mais traiçoeira que na Europa. Pois, se não sabem o que é a sociedade em que vivem, fazem os maçons mais sibilinamente o mal que não fariam a descoberto de seus próprios olhos!

Que os maçons — os maçons, notem bem! — sejam, em nossa Pátria, sem maldade — concedo. Que a Maçonaria brasilei-

ra o seja — nego. Primeiro, porque Maçonaria brasileira é uma mentira. A Maçonaria é universal em sua finalidade. Segundo, porque nem todo maçon é inconsciente no Brasil. Alguns maiorais sabem, ao menos em parte, as tramas.

Não nos iludamos, pois, precìpuamente com a Maçonaria brasileira!

Os quatro séculos e meio de nossa história pátria são um documento. Êles atestam que a Maçonaria brasileira viveu iludida a serviço de fôrças que nos tentam perder.

A Maçonaria brasileira está desmascarada. E a sua face hedionda nos mostra o timbre da indefinição.

EPÍLOGO E RESUMO

Nenhuma fôrça construtora é aperfeiçoadora como o tempo. Nada, também, mais destruidor que êle. Foi êle que engendrou as mais florescentes instituições. Foi êle que ergueu e estabilizou civilizações. Mas, também, com a mesma fatalidade com que construiu, destruiu. Êle criou as glórias da Grécia e de Roma. Ergueu tronos e estendeu impérios. Fêz gênios, soergueu monumentos de arte e criou filosofias. E, por fim, êle mesmo, invencível e destruidor, rolou no pó os tronos, dissecou os domínios, escureceu a gama dos gênios, e fêz sucederem-se às artes e filosofias primeiras outras construções mais vetustas e outros tratados mais originais. Grande a fôrça do tempo, que é, assim, uma imagem da mesma eternidade — Deus.

Há, porém, duas instituições desafiadoras do tempo. Duas instituições que a violência dos séculos só serviu para aperfeiçoar e radicar no mundo, duas instituições que são duas fôrças em perpétua luta uma con-

tra a outra, duas instituições que o tempo, a meu ver, não vencerá jamais, porque elas transcendem do tempo e remontam para a eternidade, eternidade do Bem e eternidade do Mal, reivindicando-se um poder supra-sensível que as sustém. São a Igreja e a Maçonaria.

Em guerra eterna causada pela mesma razão de ser de uma e da outra, são estas duas instituições a encarnação dos dois poderes que se opõem: Luz e Trevas, Bem e Mal. Ormuzd e Ahriman, Trifon e Osiris, Deus e Belial. Têm vencido o tempo... A ação dêste sôbre elas só serviu para estabilizar-lhes o progresso, aperfeiçoar-lhes a organização, consolidar-lhes os triunfos.

Não carece prová-lo no que concerne à Igreja. Mais ignorada, porém, porque secreta, a vitória da Maçonaria. Antiga em sua essência como a mesma Igreja, quase tantas vêzes secular quanto o Cristianismo, em sua organização embrionária e em seus planos iniciais; as idades não a absorveram na voragem que consumiu impérios e civilizações, mas, longe de eclipsá-la, borlando embora de caligens a sua história, foram auxílio ao seu desenvolvimento, foram lição para seus planos, foram causa do mais duradouro dos seus triunfos. A Maçonaria venceu o tempo

justamente porque tal qual a temos hoje é um produto dos séculos.

E como as instituições que vencem as épocas são as únicas que conseguem realizar a sua finalidade, assim a Maçonaria foi — depois da Igreja — para nossa infelicidade, a única instituição que mais plenamente realizou o seu objetivo — um domínio universal, a destruição da civilização cristã e o implantamento do espírito satânico, que se caracteriza pelo néo-paganismo. E' certo que não conseguiu a totalização dêste seu ideal. Mas foi de tal modo vencedora do tempo e conquistadora das áreas que visara, que seus correligionários puderam vangloriar-se de um triunfo mais rápido que o do Cristianismo (1) e um dos seus historiadores considerar fenômeno dos mais singulares a sua resistência ao tempo e a sua perenidade através dos séculos. (2)

***

Êstes os fatos que vindicavam a importância de um estudo sôbre a Maçonaria. Foi ela realmente que nos trouxe, ao meu ver, a crise do mundo moderno, esta crise de civi-

(1) *Léon de Poncins*, op. cit., p. 18, citando A. Lantoine.
(2) Idem, op. cit., p. 250-251.

lização, de que tanto se fala hoje. Embora apontem os críticos como raizes da aguda situação de agora as ideologias filosóficas extravagantes dos séculos que nos precederam, a mim se me afigura mais de feição dizer que tôdas aquelas filosofias tiveram por arma de ação uma fôrça secreta, uma sociedade oculta onde sobremodo aquelas idéias tiveram eco, porque ali já existiam sob outras formas, que não as de sistema de metafísica e de ética. Uma idéia ficará sempre e sòmente uma idéia ou então abortará, se a fôrça realizadora de uma associação não a concretizar nos fatos.

Ora, se assim é — e difícil não seria prová-lo — uma cousa que importa para o soerguimento da civilização decadente e para a construção do Mundo Novo sôbre bases cristãs, ha-de ser, senão o destruir a Maçonaria, pelo menos o conhecimento dos seus planos, da sua organização e dos seus métodos, para se precaver-lhes contra a ação "de ave noturna e de verme roedor que espera o sol deitar-se ou o túmulo cobrir-se para iniciar a sua tarefa notívaga e subterrânea". (Tr. de Ataíde — Contra Revolução Espiritual, pág. 86)

Pois bem, foi desmascarar-lhe os planos, mostrar a sua finalidade e descrever-lhe a organização o que tentei realizar neste in-

significante esbôço a que o meu caro leitor dispensou, espero, a sua acolhedora benevolência. Meus agradecimentos.

E para que fiquem gravadas no espírito de meu leitor amigo as verdades estudadas, permita-me apresente-lhe um resumo geral.

RESUMO GERAL (1)

Sempre que lemos e ouvimos algo sôbre a Maçonaria, a primeira impressão de que se ressente o nosso espírito é de insuficiência do que ouvimos e lemos para satisfazer aos múltiplos problemas que a nós mesmos nos propomos a êste respeito. Espontâneamente, multidão de perguntas nos ocorrem. Que é, na verdade, a Maçonaria? Qual a sua origem? qual o seu fim? quais seus planos? E agora sobretudo, quando quase não se fala mais de Maçonaria, para as nossas mentes que só a custo se arrancam à preocupação com as ideologias do momento, paira no horizonte, cheio de tantas apreensões, mais esta interrogação: Existirá ainda o perigo maçônico?

Pois bem, a estas questões buscarei dar resposta no rápido bosquejo que vos apresento.

---

(1) Êste resumo é uma palestra pronunciada pelo autor em 1942 e constitui a síntese de quanto se disse precedentemente.

QUE E' NA VERDADE A MAÇONARIA, E QUAL A SUA ORIGEM?

A Maçonaria, em concreto, é mais do que pensamos. Porque o que pensamos é que ela é **uma seita** secreta; e, na verdade, ela não é **uma seita** mas uma **superposição de seitas** (1), controladas, governadas, manejadas, escravizadas por um grupo invisível de homens ardilosos, por um pugilo de judeus, que, valendo-se de magnífica organização secreta, dominam o mundo, exploram a economia internacional, dirigem a política, fomentam a crise de civilização que nos atormenta. Eis o que é, em concreto, a Maçonaria. E' uma superposição de seitas secretas sob o contrôle judaico. E' uma associação de associações, com um govêrno ignorado.

E quais são estas associações, que a integram? Muitas. Entre outras, o Iluminismo, O Teosofismo, a Cabala, e as grandes lojas dos vários países, que, constituindo associações separadas, com estatutos próprios, estão, contudo, sem o saberem, subjugadas à direção de um só grupo, que é a Maçonaria suprema.

---

(1) Léon de Poncins — As fôrças secretas da Revolução, p. 22.

Donde veio, e como se formou a Maçonaria?

O traço característico da Maçonaria através da história é que ela é um produto da forja do tempo. Justamente porque é uma corporação de tôdas as fôrças secretas, ela, em essência, veio-se formando através dos séculos com o aparecimento sucessivo das sociedades diversas que hoje a constituem. O seu ideal foi-se reafirmando; os seus planos foram-se consolidando; a sua organização, fixando-se a pouco e pouco, até que recebesse forma definitiva, em 1723, pelas Constituições oficiais redigidas por Anderson.

Se remontarmos ao mais longínquo da história para investigar todo o mistério dos seus segredos, o primeiro instituto que acharemos, e que parece ter contribuido à sua orgainzação e finalidade perversa, veremos que foi a Ordem extinta dos Templários. E, então — cousa curiosa — averiguaremos que a origem da Maçonaria é quiçá diabólica. Esta Ordem, que tanta estima e riqueza lograra no Oriente e no Ocidente, perverteu-se e entregou-se às maiores abominações. O orgulho desmedido de seus membros levou-os ao desejo de dominar o mundo pela fundação de um govêrno universal. E o demônio, pai do orgulho e da impureza que os

perdera, parece-nos, serviu-se dêles como de pedra angular dum edifício que desde muito planejava construir. Conta-nos ilustrado autor que os Templários adoravam um gato que lhes aparecia quando estavam reunidos. (Pe. T. Dutra — As seitas secretas, pág. 63)

E sabemos, afinal, como terminou a história da Ordem dos Templários. Felipe o Belo e o Papa Clemente V extinguiram-na por seus decretos, em 1310.

Apenas destruida a sua corporação, os Templários, cavaleiros ilustres e nobres, que eram, buscaram outra de ilustres e nobres como êles, em que pudessem incutir suas idéias, após terem jurado — última provocação do decreto pontifício e real — ódio eterno e guerra ao papado e à monarquia.

Pelo mesmo tempo, existia, florescente e prestigiosa, a Sociedade dos **Livres Pedreiros**, a que muitos nobres davam seu nome, porque então era honra pertencer à associação mais espalhada no mundo e que, de associação de pedreiros, ia-se tornando associação de filósofos. Foi a êste grêmio ilustre, amante do segrêdo e do ocultismo, que os Templários se filiaram, provàvelmente, para ali insinuar os seus planos, e vir a formar, no decorrer dos séculos, de concêrto com outras sociedades secretas, e escravizadas tôdas ao judaismo, a **Ordem Maçônica**, ou

Franco-Maçonaria, constituida oficialmente em 1723.

Foi assim, mais possìvelmente, que se originou a Maçonaria.

COMO ESTA' ELA ORGANIZADA?

Subindo à ribalta das aparições sociais com as constituições públicas redigidas por James Anderson, entrou a Maçonaria numa segunda fase: a de uma organização externa.

Esta organização, camuflagem da organização secreta, outra não é que a de qualquer sociedade filantrópica, com esta particularidade: abrange todo o mundo. Nas lojas municipais, ela tem um Presidente, chamado **Venerável,** um Secretário, um Tesoureiro, e dois **Conselheiros,** ditos **Irmãos Vigilantes.**

As lojas municipais elegem membros para um conselho nacional, denominado **Convenção** do Grande Oriente. Os Grandes Orientes reunem-se de tempos em tempos em **Convenções internacionais.** Todos os membros dêstes vários governos são eleitos temporàriamente.

Tal é a organização externa da Maçonaria.

Interiormente, porém, é outra a organi-

zação, como outras são as finalidades, que não filantrópicas, que a norteiam.

Há uma graduação, com títulos sonoros e poéticos, com insígnias e ritos de recepção, em que, segundo a idoneidade dos comparsas que a vão galgando, revelam-se paulatinamente os segredos e planos ocultos.

Êstes títulos são em número de 33, dos quais os três primeiros são de domínio público: Aprendiz, Companheiro e Mestre — e os três últimos, quase completamente desconhecidos, até dos próprios maçons: **Príncipe Adepto, Patriarca das Cruzadas, Cavaleiro Kadosch.**

O Aspirante vai subindo por êstes graus, elevado pelos que estão nos graus superiores, e comprometendo-se, cada vez, com juramentos os mais terríveis, a guardar os segredos que lhe forem revelados, e a obedecer, sob pena de morte atrocíssima, a quanto lhe mandarem os chefes da seita. E daí o que observa Poncins: "o número dos graduados diminui proporcionalmente à elevação, e os altos graus tornam-se cada vez mais secretos". (Op. cit., p. 22)

Esta graduação, que existe entre os membros, existe também entre as lojas do mundo inteiro, de tal modo que, conforme nos expõe ainda L. de Poncins, a Maçonaria assemelha-se a uma grande pirâmide, em

cujo vértice invisível posta-se um grupo misterioso a fazer descer tôdas as ordens às graduações inferiores, impossibilitadas de saber quais os seus verdadeiros mandantes. (Idem, p. 23)

Tal a organização ímpar das seitas secretas, que tem feito surdir na história os maiores eventos, tramados na sombra, muitas vêzes com requintes de maldade.

QUAL A FINALIDADE DA MAÇONARIA?

O reçurso que fizemos às suas origens no-la evidencia, sem que seja preciso citar documentos maçônicos que a comprovem.

Há que distinguir o fim simplesmente **humano**, e o fim **demoníaco**, entendido pelo fundador real da seita.

O fim simplesmente humano é a destruição de tôda a autoridade tanto temporal como espiritual. Ódio eterno à Monarquia e ao Papado foi o 1.° juramento dos Templários.

Destruir a autoridade espiritual, combater o Papado, o clero, a Igreja — tal a finalidade demoníaca. Não me darei ao trabalho de provar o que todos conheceis à luz da história.

Acabar com a autoridade temporal — eis aqui um ponto sôbre que, talvez, andais enganados; permití-me que vo-lo esclareça.

Ouvimos constantemente que é finalidade da seita secreta minar os tronos, acabar com a Monarquia, implantar a República. E' verdade tudo isto. Mais verdade é ainda, porém, que o abater os tronos e esmagar dinastias não é senão um fim **intermédio** da Maçonaria; é, antes, posso afirmar, um **plano,** que um **fim** desta associação O seu fim concreto e principal, na ordem política, é abolir tôda e qualquer autoridade, é tender à anarquia total. Destruir a Monarquia era vencer o 1.° óbice. O seu mais secreto intento é acabar com a mesma **democracia.** Os documentos maçônicos são absolutamente afirmativos a êste respeito. E, entre outros autores, eu poderia citar-vos **Weishaupt,** fundador da seita dos Iluminados na Alemanha e **João Witt,** maçon, nas suas **Memórias secretas.** A exiguidade do tempo não o permitiria, entretanto.

Passemos a considerar o **fim diabólico** da Maçonaria. A Maçonaria não tem sòmente um fim humano. Fundação demoníaca, "Sinagoga de Satanaz" como a cognominou Pio IX, tem ela um fim diabólico, que é o culto de Lúcifer.

Parece incrível. Mas comprova-o a autoridade dos fatos. Existe nas lojas mais altas e secretas da Maçonaria, as chamadas **Lojas Paládicas** ou de **Retaguarda**, o culto verdadeiro de Satanaz. Sôbre esta matéria, escreveu um grosso livro um maçon convertido, que delas fêz parte. Intitula-se o livro: "Le Palladisme" e é de Romênico Margiotta.

Mais. Tempos houve em que nações catolicíssimas, como a Itália e a França, bafejadas do espírito maçônico, chegaram à adoração pública de Satanaz! Procissões hediondas, levando à frente um estandarte em que se via pintada a inimaginável cara do demônio, percorreram ruas de metrópoles afamadas, como Paris, Roma e Palermo, por entre hinos que a história guardou, aos gritos infames de "Viva Satã!" e "Morra Deus!".

Reporto quantos me lêem aos dois seguintes livros em português: "As seitas secretas" do Pe. T. Dutra e "A autoridade e as fôrças secretas" do Pe. Everardo Guilherme.

Fazendo uma reminiscência numa síntese, concluo repetindo. Dois são os fins da Maçonaria: O entendido pelos homens — fim próximo — a destruição de tôda a autoridade.

O entendido pelo demônio, — fim último — o Satanismo.

O substituir os tronos pelas repúblicas cabe antes na categoria dos **planos gerais** da Maçonaria, que ora passamos a ilustrar.

QUAIS OS PLANOS DA MAÇONARIA?

E' distintivo do agente dotado de razão prosseguir um fim com os planos mais viáveis. E a Maçonaria, que trabalha, não sòmente dirigida pela razão, mas orientada pelo espírito do mal, tem planos incomparáveis, ardilosos, viabilíssimos.

Para cada país traçam as Federações maçônicas planos **particulares** que não seria fácil discriminar aqui, porque variam com as épocas e com as vicissitudes políticas e religiosas. O que vamos expor é quase os **planos universais** da Ordem.

Como planos para alcançar o seu duplo fim humano e diabólico, posso salientar, reduzindo:

1) A república e pseudo-religião universais, cujo centro será Roma.

2) A subversão da moral social e familiar.

A conquista destas duas áreas visadas

pelos nossos inimigos maçons é fadada a elaborar, necessàriamente, uma nova civilização, atéia e amoral, por não dizer **imoral.**

A república universal é um sonho desde muito pràticamente realizado, porque afinal, a República, já espalhada em quase todo o mundo, como o afirmaram e provaram Léon de Poncins e outros (2) é hoje inteiramente controlada pela Maçonaria, aliás a sua legítima fundadora e propulsora.

Que tenham querido, e queiram os maçons fazer da Cidade Eterna o centro da República Religiosa Maçônica Universal — é o que nem todos sabem, mas está sobejamente distilado nos escritos de Mazzini (3), o maior apóstolo desta causa. Eis aqui um de seus trechos, não secreto mas público:

"Roma não é uma cidade. Roma é uma idéia. Roma é a sepultura de duas religiões que inspiraram o mundo passado e o santuário de uma terceira que falta e que dará ao mundo a vida do futuro. Roma é a missão da Itália entre as nações; a palavra e o verbo do nosso povo; o evangelho eterno da Unificação das nações..."

---

(2) Léon de Poncins — op. cit. e ainda "La Dictadure de la Franc Maçonnerie".

(3) Opere di Giuseppe Mazzini, vol. XIV sobretudo.

E de Mazzini temos ainda bastas citações que vindicam o cerebrino plano: "A idéia tem o apoio da maçonaria britânica e americana, e geralmente de todos os núcleos maçons do globo" — afirma-nos o autor de quem tomei emprestada a citação acima. (Pe. Ev. Guilherme — Solidarismo, vol. IV, pág. 57

Quanto à subversão da moral, que é o 2.° plano, afirma-nos positivamente êste mesmo autor, que o disse conhecer através de maçons idôneos, serem de total orientação maçônica os esportes mistos, as escolas mistas, a fundação de cassinos e cabarés, etc. e sobretudo a bolorenta campanha do divórcio.

E não será para menos, porque a Maçonaria, nas lojas de Retaguarda, assim como pratica Luciferismo, apregoa e pratica também o dito culto fálico, que consiste na mais degradante bestialidade (G. Barroso, op. cit. — Pe. T. Dutra, op. cit.; — Jac Van Term, em sua obra em holandês sôbre a Maçonaria.)

E cerro-me com esta sucinta exposição, para apressar-me com uma resposta que servirá de conclusão final.

EXISTIRA' AINDA O PERIGO MAÇÔNICO?

Sim. Não nos iludamos. O perigo maçônico não passou. Não é um anacronismo ultramontano. E eu estou em dizer que, nos dias de hoje, em que menos nos ocupamos dêle, é que êle mais nos solapa.

A Maçonaria ainda existe. Ninguém o nega. Logo, se existe, e porque existe, continua a ser fiel a seu programa de trabalhar no oculto e na sombra. E', pois, cousa das mais palpáveis que ela constitui **grande perigo,** ainda agora. Sobretudo para a nova construção que se projeta de um Mundo Novo, erguido sôbre bases sòlidamente cristã, onde a visão do sobrenatural sobrepuje a visão da técnica. E isto justamente porque êste Mundo Novo que queremos é um antagonismo ao Mundo Novo ateu que a Maçonaria imaginou e jurou construir na sombra, muito antes de nós.

E, se êste perigo existe em tôda a parte, existe grandemente no Brasil, onde a Maçonaria tem um plano especial, o de marcar-se do timbre da "indefinição". Quem o diz é Tristão de Ataíde: "Definir aqui a Maçonaria é impossível — diz êle — **pois ela é, em nosso caso, a própria indefinição** (Contra-Rev. Esp. pág. 86).

Grande verdade sôbre a Maçonaria no Brasil. Ela é aqui a **própria indefinição.** Isto é, seus membros, seus chefes, aqui, não se definem, não dizem, nem mesmo sabem o que querem. São indefinidos e são indefiníveis. E por que? E' que são iludidos pelos Grandes Orientes de Paris e de Londres. Não sabem, na quase totalidade, o que é Maçonaria. E os Grandes Orientes não lh'o revelam. Querem que o modo de ação maçônica seja, aqui em nosso meio, **por indefinição.**

E nós, que sabemos bem, que tanto falamos, do perigo dos "homens sem marca", dos "caracteres sem personalidade", dos "sujeitos indefinidos", não cremos, por vêzes, no perigo maçônico no Brasil.

Também a França, antes de 89, não o creu! Também o México não o creu! Também a Espanha não o creu! Em 1865, Lafargue, no Congresso Maçônico de Liège, afirmava: "Há 4 séculos que minamos o catolicismo, esta máquina formidável que o espiritualismo inventou..." Palavra semelhante, quem sabe, repetem os maçons com respeito à nossa cara Pátria, em tôdas as suas convenções. "Há mais de 2 séculos que minamos o catolicismo brasileiro, o mais decantado catolicismo, que os padres elogiam

com ênfase do alto de seus púlpitos, e que é a nossa melhor arma de ação!"

***

Até quando continuaremos de olhos escamados?

Contra a Maçonaria só existe um remédio — advertia Barruel. E' desmascarar-lhe os planos e ficar de sobreaviso às suas investidas contra o patrimônio das idéias cristãs. (Memoires pour servir a l'histoire du Jacobinisme)

A nossa imprensa, porém, e mesmo o nosso púlpito, que não raro se prestaram a hediondas campanhas políticas, esqueceram-se de flagelar a hipocrisia maçônica, como impôs aos padres S.S. Leão XIII (Enc. de 30 abril 1884) Um dia, e talvez, não vem longe, colheremos o fruto desta inércia. O tribunal irrevogável dos fatos sancionará o aresto que a experiência do passado nos deve levar a pronunciar.

Que ao menos a geração nova de agora se aperceba da história com proveito para soerguer no futuro o que até ao presente se veio destruindo.

★ Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Editora Cupolo Ltda., à R. Seminário, 187-S. Paulo